

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA
Escola Superior de Altos Estudos

**PERFIS DE REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS
COM E SEM APOIO DE RESPOSTAS SOCIAIS**

Um contributo para o desenvolvimento de tipologias no Diagnóstico Social



JOEL MARTINS SILVA

Dissertação de Mestrado em Serviço Social

Coimbra, 2014



PERFIS DE REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS COM E SEM APOIO DE RESPOSTAS SOCIAIS

Um contributo para o desenvolvimento de tipologias no Diagnóstico Social

JOEL MARTINS SILVA

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do
Grau de Mestre em Serviço Social

Orientador(a): Professora Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra, Fevereiro de 2014

Resumo

Sendo um dos objetivos do Serviço Social a promoção do bem-estar social, e considerando a relevância das redes sociais pessoais e do suporte social no bem-estar das pessoas idosas, o presente estudo analisa perfis de redes sociais pessoais de idosos, tendo em conta as suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais, na perspectiva do Serviço Social sistémico. Na última etapa da vida identificam-se na rede social de um indivíduo vários determinantes com efeitos cumulativos que favorecem o estreitamento das redes sociais, sendo os contextos de vida, as necessidades de apoio de respostas sociais e a institucionalização, fatores relevantes para a investigação.

A investigação quantitativa, utilizou um inquérito por questionário para caracterizar sociodemograficamente a amostra e o Instrumento de Análise de Rede Social Pessoal (Guadalupe, 2009) para caracterizar a rede nas suas dimensões e características, privilegiando-se uma análise bivariada das variáveis.

A amostra é composta por 317 idosos com idade igual ou superior a 65 anos. Comparámos três subamostras: 209 idosos que não usufruem do apoio de respostas sociais (65,9%), sendo estes maioritariamente de sexo feminino, casado(a)s ou a viver em união de facto e com média de 75 anos; 71 idosos que usufruem de apoio de respostas sociais (22,4%), na sua maioria de sexo feminino, viúvo(a)s e com 80 anos de média de idade; 37 idosos institucionalizados em Lar (11,7%), mulheres na sua maioria, viúvo(a)s, com média de 83 anos.

A hipótese inicial do nosso estudo era a existência de três perfis distintos nas redes sociais pessoais de idosos, conforme a sua relação com as respostas sociais, no entanto, concluiu-se que existe um padrão comum nas redes sociais destes idosos, quer a nível estrutural, como a nível funcional ou contextual. Todavia, identificamos algumas diferenças significativas ($p < 0,041$) entre os perfis explorados, na composição das redes, na reciprocidade de apoio, na satisfação da rede, na densidade, na frequência de contactos, na distância geográfica e na durabilidades das relações.

O estudo constitui-se como um contributo para o Serviço Social, na medida em que oferece conhecimento sobre as redes sociais dos idosos em diferentes contextos de vida, não oferecendo, no entanto, uma categorização que possibilite a construção cabal de tipologias, mas antes, fornece uma base orientadora da avaliação das redes sociais pessoais e de suporte social de idosos para o diagnóstico social.

Palavras-chave: idosos, rede social pessoal, diagnóstico social, Serviço Social, sistémica

Abstract

Being one of Social Work goals the promotion of social well-being, and considering the relevance of personal social networks and social support in the well-being of the elderly, the present study analyzes personal social network's profiles of elderly people, taking into account their structural, functional and relational-contextual characteristics, in a Social Work systemic perspective. In the last stage of life are identified in an individual's various social network determinants with cumulative effects favouring the narrowing of social networks, being life contexts, the support needs of social responses and institutionalization, relevant factors to the investigation.

Our quantitative research used a survey to characterize socially and demographically the sample and the Personal Social Network Analysis Tool (Guadalupe, 2009) to characterize the network in its dimensions and characteristics, using a bivariate analysis of the variables.

The sample is composed of 317 elderly aged 65 years old or more. We compared three sub-samples: 209 seniors who do not have the support of social services (65.9%), mostly female, married or cohabiting and with an average of 75 years old; 71 seniors who have support of social services (22.4%), mostly women, widowed and with 80 years of average age; 37 institutionalized elderly (11.7%), mostly women, widowed, with an average age of 83 years.

The initial hypothesis of our study was the existence of three distinct personal profiles on social networks, according to their relationship to the social services, however, we have concluded that there is a common pattern in social networks of these elderly, at their structural, functional or contextual level. However, we identified some significant differences ($p < 0.041$) between the explored profiles, in the composition of networks, support reciprocity, network satisfaction, density, frequency of contacts, geographical distance and durability of relations.

The study is a contribution to Social Work, insofar as it provides knowledge about personal social networks of the elderly in different life contexts, not offering, however, a fully categorization that allows the construction of typologies, but rather, provides guidance lines in the evaluation of personal social networks and social support of the elderly to the social diagnosis.

Keywords: elderly, personal social network, social diagnosis, Social Work, systemic

Índice

Introdução.....	1
Objetivos	11
Material e Métodos.....	13
Desenho do Estudo	13
Participantes.....	14
Instrumentos.....	15
Análise de Dados.....	16
Apresentação dos Resultados	17
Discussão e Conclusão	27
Bibliografia	33
Anexos.....	36

Fonte da figura da capa: <http://www.serfreelancer.com/uploads/rede.jpg>

E-mail do autor da dissertação: joel_martins_silva@hotmail.com

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Características da amostra segundo o apoio de respostas sociais I	14
Tabela 2 - Características da amostra segundo o apoio de respostas sociais II	17
Tabela 3 - Características da rede social pessoal da amostra global	18
Tabela 4 - Características estruturais das redes sociais segundo o apoio de respostas sociais	19
Tabela 5 - Características funcionais das redes sociais pessoais segundo o apoio de respostas sociais ..	21
Tabela 6 - Características relacionais-contextuais das redes sociais pessoais	22
Tabela 7 - Características da amostra segundo o apoio de respostas sociais	23
Tabela 8 - Características centrais das redes sociais pessoais nas três subamostras	24

Introdução

Serviço Social e Sistémica

A relação entre Serviço Social e Sistémica foi consolidada ao longo de mais de meio século, no entanto, esta amplamente difundida perspectiva não tem reunido consenso no âmbito desta disciplina das ciências sociais. Aliás, não existe um modelo, orientação ou abordagem teórica e metodológica unânime no âmbito do Serviço Social, nem tal seria desejável para a disciplina e para a profissão, correndo o risco de ser redutor e estrangulador do seu desenvolvimento (Guadalupe, 2009).

Nos anos 50 do século XX, o pensamento sistémico começou a emergir, cruzando conceitos de distintos campos científicos como a Biologia, a Antropologia, a Engenharia, entre outros, assim como influenciando recursivamente estas áreas disciplinares. O Serviço Social não foi uma exceção, as influências da teoria sistémica começaram a ser aplicadas na intervenção social desde os primórdios da formulação da teoria geral dos sistemas por Von Bertalanffy. O primeiro trabalho em que surge uma aplicação da teoria sistémica no Serviço Social foi em 1956, por Werner Lutz (Garro, 2007).

A Sistémica (que decorre do cruzamento de ideias da Teoria Geral dos Sistemas, da Teoria Ecosistémica da Comunicação, do Estruturalismo e da Cibernética) dá ênfase às interações e transações, como elementos fundamentais para compreender as dinâmicas complexas que se produzem nos sistemas, entendidos como globalidades. Esta forma de compreensão revela-se importante para o Serviço Social, devido ao facto de o comportamento, os acontecimentos e os processos sociais não poderem ser entendidos de forma isolada. Estas conceções despertaram a atenção do Serviço Social, deixando de lado a conceção causal e individualizada da intervenção, passando a dar maior relevância ao meio ambiente, concebendo as mudanças como produzidas nas suas inter-relações (Garro, 2007). Aliás, a sua centralidade é reconhecida na definição da profissão apresentada pela Federação Internacional de Assistentes Sociais (IFSW, 2002), quando refere que o Serviço Social “utiliza teorias do comportamento humano e dos sistemas sociais”.

Segundo Garro (2007), o Serviço Social Sistémico tem como principais propósitos, na intervenção a nível microssocial, melhorar a interação, a comunicação das pessoas com os sistemas que integram, melhorar a capacidade das pessoas para solucionar problemas, fortalecer vínculos das pessoas com os sistemas que prestam serviços, recursos e oportunidades, e contribuir para o desenvolvimento e melhoria da política social, a nível macrossocial. Como refere, Martínez (2005) o modelo Sistémico no Serviço Social propõe uma conceção holística dos problemas do homem, isto é, considera o homem como sistema e simultaneamente como parte de sistemas, entre cujos elementos existem transações e influências mútuas. Este modelo aborda os problemas das pessoas, considerando que estão vinculadas a

outros elementos que interagem sistematicamente. No mesmo sentido, Seed (1990) menciona que o foco nas redes sociais possibilita a identificação e entendimento dos recursos existentes, o que auxilia o Assistente Social nas avaliações das situações. A análise das redes sociais oferece uma avaliação precisa sobre aspetos importantes para a intervenção em Serviço Social.

Além da ótica sistémica, que esta metodologia nos oferece, verificamos que os valores da génese do Serviço Social vão ao encontro das implicações sistémicas (Campinini & Luppi, 1996; Guadalupe, 2009). O respeito pela dignidade e liberdade da pessoa humana são dois valores do século XXI “que a maioria defende mas apenas uma minoria faz questão de por eles lutar” (Guadalupe 2009, p.39). Estes valores traduzem-se pela aceitação do outro tal como se apresenta, sem juízos de valores, assim como através de atitudes que promovam a autodeterminação. Como afirma Campinini e Luppi (1996), o Assistente Social, numa perspetiva sistémica, atua como um estímulo, como uma ferramenta que introduz informações novas e organiza as informações que o sistema fornece, nunca substituindo a pessoa nem oferecendo modelos rígidos, mas facilitando a mudança e a reorganização desse sistema, respeitando os seus tempos, características e finalidades. Esta ideia é sublinhada por Guadalupe (2009) quando refere que o Assistente Social se constitui como um ator social co-construtor da mudança.

Redes de suporte social

Como indica Guadalupe (2009), no contexto do Serviço Social Sistémico, o diagnóstico da rede social é centrado mais especificamente na rede de suporte social, sendo este, manifestado (ou não), através das relações sociais e do intercâmbio fornecido (Navarro, 2004, Guadalupe, 2006). Neste intercâmbio é fornecida ajuda, podendo este apoio assumir o bem-estar do seu recetor, ou seja, suporte emocional, suporte tangível (material ou instrumental) e suporte informativo (Guadalupe, 2009). Guadalupe (2009) ainda identifica várias expressões utilizadas nos apoios da rede: o aconselhamento, a interação positiva e feedback, a confiança, a orientação e a oportunidade de expressão dos sentimentos, a socialização, a integração social, etc.

Segundo Navarro (2004), numa perspetiva ecológica de apoio social, é possível ter uma visão segundo a qual os recursos sociais, os comportamentos de apoio, a valorização destes, não são propriedades estáticas da pessoa ou do seu meio. Estas refletem as transições e dinâmicas entre a pessoa e a sua rede social, sendo este o resultado da interação de quatro conjuntos de variáveis: intrapessoal, interpessoal, situacional e macrossocial (idem). Os diferentes membros da rede social são fornecedores de distintos tipos de ajuda. Facilmente se distinguem como fontes de apoio social: a rede dita natural (família, amigos, vizinhos, etc.), as organizações de ajuda informal (organizações voluntárias) e os serviços de ajuda formal (serviços e organizações profissionais de ajuda), na qual nos situamos enquanto profissionais (Navarro, 2004).

Concordando com Navarro (2004), o Serviço Social abarca uma constante preocupação em saber como a sociedade é capaz de fornecer mecanismos de ajuda às pessoas que nela vivem. Numa perspetiva individual, que contempla a aquisição de habilidades pessoais, e numa perspetiva de cidadania social, que ajudam as pessoas a relacionarem-se mais e melhor, a saber solicitar apoio, a poder aceder à fonte de ajuda, a poder aproveitar os recursos comunitários, para adotar condutas que permitam superar os obstáculos ambientais e as situações de crise.

Quando se verificam ruturas com os sistemas sociais que favorecem a inclusão social, entre os quais destacamos os sistemas de suporte social informal (família e rede social pessoal) e formal (das instituições) verifica-se um processo de Exclusão Social. Bruto da Costa (2001), adotando o conceito de exclusão social do sociólogo Robert Castel, define-a como a fase extrema do processo de “marginalização”, entendido este como um percurso descendente. Segundo o autor, o exercício pleno da cidadania implica e traduz-se no acesso a um conjunto de sistemas sociais básicos (social, económico, institucional, territorial e das referências simbólicas), encontrando em dois domínios uma referência direta e indireta à relevância das redes sociais pessoais na inclusão/exclusão social: a) *social* – a família, as redes sociais, os grupos e as comunidades; b) *das referências simbólicas* – associado a perdas nas referências (identidade social, pertença, autoestima, autoconfiança, perspetiva de futuro, iniciativa e motivação, etc.).

Os indivíduos que apresentam maiores necessidades de suporte social são aqueles que parecem ter mais dificuldades para aceder a esse recurso, pois também as suas redes sociais se vêem privadas de recursos. Num estudo de Pedro Hespanha *et al.* (2001), os indivíduos entrevistados que viram a sua vida a piorar, verificaram que a capacidade de partilha e de solidariedade por parte das redes familiares não só não acompanhou esse agravamento como ainda se tornou mais reduzido. Verificou-se que os fatores que atingiram os indivíduos na sua capacidade de resposta, afetaram igualmente as suas redes de solidariedade primárias, limitando a sua operatividade (Pedro Hespanha *et al.*, 2001).

Redes sociais e redes sociais pessoais

Segundo Sílvia Portugal (2006), no decorrer das últimas décadas, a sociologia das redes sociais constituiu-se como um domínio específico do conhecimento e institucionalizou-se progressivamente, tendo a construção de um sentido analítico para o conceito de rede social sido desenvolvida em torno de duas correntes: uma, que emerge da Antropologia Social britânica após a II Guerra Mundial, e se preocupa fundamentalmente com uma análise situacional de grupos restritos; outra, sobretudo americana, que se prende como o desenvolvimento da análise quantitativa, no quadro de uma abordagem estrutural.

O conceito de rede social pessoal surge com a ótica sistémica utilizada pelo alargamento da esfera de intervenção nas terapias familiares e das vicissitudes do ambiente microsocial (Sluzki, 1996). Estas redes são definidas pelas fronteiras que cada individuo define relativamente a todos aqueles com que o sujeito interage, ou seja, ao “nicho” interpessoal da pessoa (Sluzki, 1996). Portugal (2006) identifica a rede social pessoal como uma “rede egocentrada”, podendo esta oferecer-nos uma visão ptolemaica da rede. Não se limitam à família nuclear ou extensa, mas também a um conjunto de vínculos interpessoais: família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de práticas sociais. Este conceito fundamenta uma compreensão dos processos de integração psicossocial, de promoção de bem-estar, de desenvolvimento da identidade, podendo eliminar os processos de desintegração psicossocial, de mal-estar, e de perturbação dos processos de adaptação construtiva e de trocas (Sluzki, 1996). A rede social pessoal pode ser registada em forma de mapa onde incluímos todos os indivíduos que interagem com o ego, existindo várias propostas gráficas para o mapeamento da rede (cf. Guadalupe, 2009).

Sluzki (1996) refere que uma rede pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de serviços de saúde, acelera os processos de cura e aumenta a sobrevivência. Verifica-se através de vários processos, num nível existencial, as relações sociais contribuem para fornecer sentido à vida dos membros, num nível prático, a rede proporciona uma retroalimentação quotidiana favorecendo comportamentos autogéneos, por exemplo. Segundo o autor, a rede social favorece muitas atividades pessoais que se associam positivamente com a sobrevivência. Num estudo longitudinal clássico realizado por Lisa F. Berkman e S. Leonard Syme (1979), em Alameda County, os autores verificaram que as redes sociais estão associadas ao risco de sobrevida, pois indicam, que pessoas com laços sociais e relações têm taxas de mortalidade mais baixas do que as pessoas sem laços.

Redes sociais pessoais ao longo do ciclo de vida

Como afirma Chadi (2007), a característica *social* é inerente ao ser humano. Em toda a nossa vida somos parte integrante de redes que formam e alimentam a nossa identidade social, pois desde o nascimento até à morte, o ser humano faz parte de grupos sociais. Estes grupos modificam-se no tamanho, qualidade e quantidade, ao longo do ciclo de vida e conforme a vida decorre (ibidem). Ou seja “as características da nossa rede transformam-se e podem ser construídas e reconstruídas segundo contextos que exploramos ou não, consoante as nossas escolhas, circunstâncias e constrangimento pessoais e sociais” (Daniel, Ribeiro, & Guadalupe, 2011). O que se pôde evidenciar num estudo longitudinal realizado por Mary Lerner (1990), em que foram comparadas redes sociais de famílias, durante o período de três anos, verificando-se que as necessidades e recursos da família tinham sido alterados, e comprovando

que a estrutura e os membros de uma rede social pessoal são determinados pela posição social da pessoa, pelas atitudes, valores e aptidões, sendo estes modificáveis ao longo do tempo.

As redes são dinâmicas espaço-temporalmente. Por norma, nas primeiras etapas da infância, a rede social aumenta e surgem relações significativas (Meléndez-Moral, Tomás-Miguel, & Navarro-Pardo, 2007). Como indica Sluzki (1996), na primeira época da vida, o mapa evolutivo de cada indivíduo mostra um polo de expansão, onde se incorporam novos vínculos. Em contexto escolar, a criança expande as redes interpessoais e progressivamente concede maior importância às relações (Meléndez-Moral et al., 2007). Na adolescência a rede social pessoal tende a sofrer uma nova transformação, sendo ampliada e convertida numa fonte de autoestima e aceitação por parte de outras relações distintas do círculo familiar. A transição da juventude para a idade adulta implica modificações importantes nos planos estruturais e funcionais e supõe a aprendizagem de novas tarefas e funções (Meléndez-Moral et al., 2007). Sluzki (1996) identifica este evento como o início das relações íntimas e estáveis, exigindo a aceitação das diferentes pessoas e a existência de distintas expectativas. Aparece nova rede no âmbito da conjugalidade, tornando-se numa importante fonte de apoio e leva a novas transformações derivadas dessa relação, ainda mais acentuada no caso de ter filhos. Nesta etapa, o mundo de trabalho converte-se também, geralmente, numa potencial fonte de apoio, tanto nas relações pessoais como profissionais (Meléndez-Moral et al., 2007).

Por fim, Sluzki (1996) analisa a rede social na velhice, usando a metáfora da extensão progressiva da galáxia. Identifica nesta fase da vida um pólo de retração, ou mesmo de extinção, em que as relações se vão desativando. A chegada da idade de reforma apresenta-se como um importante determinante desta mudança. Meléndez-Moral et al., (2007), na mesma linha de pensamento, dizem que as últimas etapas do nosso ciclo de vida são fortemente marcadas por perdas, sendo assinalada uma tendência disruptiva nas redes sociais. A rede social em idades avançadas demonstra uma série de mudanças típicas e verifica-se um declínio de membros nas redes sociais (idem).

Redes sociais pessoais na velhice

Segundo Sluzki (1996), a evolução de uma rede social de um indivíduo durante o último terço ou quarto do seu ciclo vital, possibilita-nos observar a coexistência de fatores com efeitos cumulativos. Como referimos antes, normativamente, a rede social contrai quando envelhecemos, devido às perdas por morte, migração, debilidade dos membros, dificuldades de ativação, entre outros. (idem). As oportunidades para renovar a rede social, assim como a motivação para renová-la, diminuem progressivamente e os processos de manutenção da rede são mais complicados, devido à energia não ser a mesma nem a motivação para manterem ativos os vínculos.

A transição entre a atividade e a inatividade representa uma marcante transformação de papéis que ocorre ao longo do envelhecimento (FFMS, 2013). Marques (2006), refere que a perda do papel profissional pode levar à quebra de laços, afastando-o do mundo social. Paúl (1997) refere que a partir da reforma até à morte dos seus pares, o surgimento de limitações físicas, a perda de autonomia e controlo, a diminuição da eficácia de algumas estratégias de confronto, a colocação em ambientes residenciais inadequados às suas necessidades, entre outros aspetos, tornam os idosos mais vulneráveis ao stress. A redução na rede social na velhice pode, também, realçar e por vezes sobrecarregar, o valor das relações restantes (Sluzki, 1996).

Em concordância com o que foi dito anteriormente, um estudo realizado por Arias (2009), numa amostra assinalada por uma ampla variedade, tanto nos aspetos estruturais e funcionais, foi possível concluir que alguns factos como a morte de familiares e amigos, a migração na velhice, a passagem para a reforma e um ingresso a uma nova habitação, podem ter um impacto negativo sobre a rede, o que não implica (obrigatoriamente) isolamento e solidão, mas determina a insuficiência de apoios sociais. Com o desaparecimento dos vínculos com pessoas da mesma geração, perdem-se partes significativas da estória pessoal.

Em Portugal, o apego aos valores familistas e a centralidade da família na proteção social são notórios (Portugal, 2006), e como em muitos países do Mediterrâneo, os familiares formam o grosso dos cuidadores das pessoas idosas com dificuldades nas atividades instrumentais da vida quotidiana (Comas-Herrera, et al., 2003, cit in Pego, M.,2013). Numa pesquisa empírica, de carácter qualitativo, Sílvia Portugal (2011), estudou o papel das redes sociais das famílias no acesso aos recursos de bem-estar, tendo identificado que as relações familiares formam um sistema autónomo no conjunto de relações do individuo. Este deve-se ao facto de oferecer garantias (instrumentais e emocionais) que não se encontram noutra tipo de relações e em permanência no tempo. Além deste importante fator, a representação dos laços familiares resulta de um cruzar de vínculos biológicos, emocionais, sociais e jurídicos, socialmente construídos, simultaneamente, no interior e no exterior da família (Portugal, 2011). Neste estudo concluiu-se que os cuidados aos idosos são um exemplo de dádiva familiar, norma da reciprocidade que se estende no longo do tempo da história familiar. Cuidar dos pais na velhice não é apenas uma retribuição pelas dádivas recebidas no decorrer da vida, é também uma retribuição pelas dádivas que estes fizeram aos seus próprios pais (Portugal, 2011). Este *familismo moral* revela-se importante perante um Estado providência que tende a ser menos protetor.

Nos dias de hoje, verifica-se que a população idosa é um dos grupos mais desfavorecidos em termos económicos e segundo dados do Eurostat, Portugal revela-se o segundo País da EU com as mais elevadas taxas de população idosa com limitações nas atividades da vida diária (CEPCEP, 2012). Nos países desenvolvidos, as investigações sobre as redes de suporte social de idosos ganharam relevância,

devido a insuficiência dos recursos públicos para satisfazer as questões sociais dos idosos. (Antonucci & Jackson, 1987, cit in Guzman, Huenchuan, & Oca, 2006). O envelhecimento, numa primeira perspetiva, apresenta-se como sendo um fenómeno eminentemente positivo, tanto para os indivíduos como para as sociedades, indicando a existência de progressos realizados pela humanidade em termos sociais, económicos e de saúde. No entanto, existe uma paradoxalidade no envelhecimento. Se no plano individual, uma maior longevidade traz mudanças radicais do quadro de vida no que respeita ao estado de saúde e a participação na vida social, viver mais significa também estar mais exposto a doenças crónicas, assim como a um declínio das redes pessoais e sociais (FFMS, 2013).

Durante anos, as redes sociais foram assumidas como indicador de apoio, desde que uma pessoa pertencesse a uma rede, suponha-se que era apoiada. No entanto, investigações gerontológicas desmentiram essa suposição, surgindo assim, a preocupação em conseguir análises mais detalhadas da qualidade, frequência, efetividade e disponibilidade dos apoios (Guzman, Huenchuan, & Oca, 2006). Sustentando-se a necessidade de um diagnóstico social, é fundamental saber alguns conceitos nas redes sociais de idosos que é necessário entender, tais como o apoio social, a identificação das fontes de apoio, os tipos de vínculos, a disponibilidade e sustentação da rede, e a complementaridade entre fontes formais e informais de apoio social (idem).

Redes primárias e secundárias no apoio a idosos

Podemos dividir as redes sociais de apoio aos idosos em dois grupos principais: redes de apoio formal e redes de apoio informal (Paúl, 1997; Guzman, Huenchuan, & Oca, 2006), também denominadas frequentemente como redes primárias e secundárias, que basicamente assentam no tipo de estruturação dos vínculos relacionais existentes entre os membros de uma rede social (Guadalupe, 2009). O apoio que estas redes prestam é basicamente de dois tipos, o apoio psicológico e o apoio instrumental, que pressupõe a ajuda física em situações de diminuição das capacidades funcionais dos idosos, e perda de autonomia física (Paúl, 1997).

Nas redes primárias (ou redes de apoio informal) os vínculos são principalmente de natureza afetiva, podendo assumir uma carga positiva ou negativa, não havendo qualquer sentido de obrigação ou formalidade na relação (Guadalupe, 2009.) É bastante comum verificar o apoio social de alguém da família, parentes vizinhos, amigos, etc. (Nowak, 2001). A rede de apoio informal ao idoso pode subdividir-se em dois grupos: as constituídas pela família do próprio idoso e as constituídas pelos amigos. Estas redes desempenham um papel importante no apoio à velhice, tanto no ponto de vista instrumental como emocional (Paúl, 1997).

As redes secundárias referem-se a laços institucionais num âmbito estruturado e de existência oficial e têm o objetivo de dar resposta a exigências de natureza funcional, fornecendo recursos ou instituindo

serviços (Guadalupe, 2009). Paúl (1997) refere que nestas redes estão incluídas os serviços estatais de segurança social, da saúde e os diferentes tipos de respostas sociais comunitárias (do terceiro sector ou privadas) criados para a população idosa. Para muito idosos as redes de apoio informal são incapazes de preencher as necessidades existentes, quer devido à inadequação da rede, quer porque as suas necessidades ultrapassam a capacidade de apoio proveniente desse sistema (Paúl, 1997). Em contrapartida, a institucionalização também pode facilitar o acesso a novas amizades (Paúl, 1997), potenciando o alargamento da rede e do suporte social nalguns casos. A resposta institucional, Lar de Idosos, apresenta um conjunto de vantagens diferenciais face aos outros tipos de respostas sociais, no entanto, se para determinadas pessoas, a institucionalização não constitui uma alternativa adequada, para outras é uma solução para os seus problemas e dificuldades (Daniel, 2009). Atualmente a opção Lar de Idosos não pode ser representada como uma solução para quem não tem apoio informal, mas como uma oportunidade da população idosa poder beneficiar de uma melhor qualidade de vida (ibidem). Nas últimas décadas os cuidados institucionais foram sendo progressivamente substituídos pelos cuidados no domicílio, com a criação de serviços, programas e projetos específicos, devido ao aumento de pessoas com mais de 65 anos a necessitar de cuidados (Carvalho, M. 2005).

Segundo Nowak (2001), podemos distinguir uma rede terciária, onde se incluem os grupos de autoajuda, serviços profissionais mediadores entre estado e individuo e organizações não-governamentais.

Em torno das tipologias de redes sociais em idosos

De acordo com Guadalupe (2009) é controversa a definição de tipologias no Diagnóstico Social do profissional, e também o poderá ser relativamente às tipologias de redes sociais, no entanto, a autora refere que há conceitos frequentemente utilizados, aos quais não conseguimos escapar, constituindo tipologias não assumidas como tal. As críticas sublinham que a tipificação no diagnóstico social tem frequentemente um efeito linear, reducionista e rotulador, o que, no domínio profissional, pode potenciar processos de estigmatização e segregação perversos de populações associadas a determinadas classificações quando estas se cristalizam em rótulos. Hamilton (1958, cit in Guadalupe, 2009) afirma que o diagnóstico não pretende classificar o individuo, chamando a atenção para a utilidade de termos algumas frases pelas quais os problemas pudessem ser exprimidos. A sua utilização de forma adequada pode ser uma boa ajuda na compreensão diagnóstica e intervenção (Varandas, 1995, cit in Guadalupe, 2009), balizando alguns parâmetros ou indicadores críticos.

Relativamente às redes sociais referimos antes algumas tipologias baseadas no tipo de estruturação das redes. Encontramos também algumas tipologias baseadas na avaliação das redes sociais pessoais.

Como já foi referido, a rede social pessoal pode ser registada em forma de mapa. O mapa de rede de Carlos E. Sluzki (1996) possibilita-nos a avaliação das *dimensões estruturais, funcionais e relacionais e contextuais*. Segundo Guadalupe (2009), na *dimensão estrutural* podemos encontrar características como: a composição da rede; a distribuição da rede por quadrantes; o tamanho da rede e dos quadrantes; a densidade da rede. Na *dimensão funcional* encontram-se três características possíveis de estudar: as funções genéricas de suporte social percebido e recebido, onde verificamos o suporte emocional, o suporte tangível (material ou instrumental), e o suporte informativos; as funções específicas de suporte social, isto é, a companhia, o acesso a recursos e novos vínculos e a regulação social; outras características funcionais na avaliação do suporte social, onde se analisa a multidimensionalidade funcional, a reciprocidade funcional, as funções em torno de situação específica do sujeito central e as características idiossincráticas do momento do suporte. Quanto à *dimensão relacional e contextual*, engloba características tais como: homogeneidade/heterogeneidade da rede; intensidade e compromisso relacional; duração e história da relação (vínculo); fontes de stresse e conflitualidade: dispersão (geográfica) da rede; frequência de contactos entre os elementos.

Portugal (2006) e Guay (1984) apresentam tipologias de redes sociais com várias semelhanças entre si. Na rede encapsulada (Portugal, 2006) verifica-se um forte familismo e centração no parentesco restrito. Tal facto alimenta a existência de laços fortes e positivos, no entanto, restringe os laços exteriores, não se verificando trocas afetivas significativas com pessoas exteriores ao núcleo familiar. A autora refere que os membros integrantes da rede revelam possuir escolaridade básica, são trabalhadores não qualificados da indústria, comércio e serviços, residem em zonas rurais e moram perto das famílias de origem. Apesar de alguma separação espacial, os domínios rurais constituem-se como ambientes privilegiados pela promoção de redes, favorecendo o envelhecimento, o que foi possível verificar num estudo de Sequeira e Silva (2002). A rede encapsulada apresenta bastantes semelhanças com a caracterizada como rede coesa de Guay (1984) onde se descrevem as estruturas das famílias alargadas típicas do meio rural, com pouca abertura para o exterior. Geralmente um idoso ou uma pessoa com deficiência que reside numa zona rural apresenta um apoio incondicional dos familiares nas tarefas quotidianas (idem.).

Seguindo as tipologias de Guay (1984), baseadas na densidade da rede, ou seja, na interconexão dos membros entre si, a rede fragmentada apresenta várias semelhanças com a rede seletiva e a rede aberta de Portugal (2006). A rede fragmentada é composta por pequenos subgrupos relativamente independentes entre si, muitas vezes situados num ou noutro quadrante da rede. Este tipo de rede é tida como mais adaptada à sociedade urbana contemporânea, caracterizada pelas mudanças sociais e mobilidade, sendo mais flexível e oferece mais possibilidades (Guay, 1984). O tipo de suporte que esta rede pode oferecer nem sempre é equilibrado, podendo o ego estar sobrecarregado ou os membros da rede não terem os recursos necessários para lidarem com a problemática (idem). Nas redes seletivas

definidas por Portugal (2006), encontramos na família o núcleo dos seus laços fortes, mas, estas redes que não se limitam somente a esse subsistema (o que acontece nas redes encapsuladas), revelam uma abertura a laços exteriores. O termo “seletivo” é estabelecido porque existe uma triagem das relações estabelecidas (parentes distantes, colegas, vizinhos). Nas redes abertas de Portugal (2006), o familismo também marca relações com o parentesco, que continuam a ser fundamentais no plano material e afetivo. É uma rede com vários subsistemas de relações no interior da rede (parentes próximo, amigos, os conhecidos, colegas). Estes conjuntos de relações cumprem funções diferentes (Portugal, 2006). Estas redes apresentam uma dimensão estrutural superior à das redes encapsuladas.

Das redes tipificadas por Portugal (2006), as redes afínicas são as únicas não estruturadas em torno dos laços de parentesco. Nestas redes, o tipo de laço que predomina é o laço de afinidade. As ajudas que provêm da família são reduzidas, os encontros são raros, existe um distanciamento dos parentes. Ao contrário das restantes são redes dispersas, os membros são poucos e quase não interagem entre si, e apresentam tendências para a lateralização. Guay (1984) apresenta uma tipologia de rede dispersa, o que se identifica com as redes afínicas de Portugal, sendo um tipo de rede pouco interligado com tendência a desorganizar-se (2006).

Normalmente, as redes de idosos não são muito expressivas em relação ao tamanho, o que se verificou em vários estudos. Numa investigação recente em Portugal (FFMS, 2013), numa amostra de 1000 indivíduos com 50 ou mais anos, verificou-se que os tamanhos médios das redes variavam entre uma e oito pessoas. Neste estudo classificaram duas redes quanto ao tamanho, de pequena dimensão (constituída por 1 ou 2 pessoas) e de grande dimensão (que contemplam 3 ou mais membros), sendo que tais categorizações não correspondem ao referido pela maioria dos estudos nem pela teoria. Num outro estudo, com 119 idosos que usufruem de serviços de apoio domiciliário, foi identificado que as redes sociais tinham um tamanho médio de 16 pessoas (com uma mediana de 10 membros), variando entre 0 e 70 o número de pessoas que os idosos conheciam suficientemente para poder visitá-las (Daniel, Ribeiro, & Guadalupe, 2011). Valle e García (1994) vão no mesmo sentido do que foi referido anteriormente, apontando para que os idosos que não têm apoio de serviços apresentem mais membros na sua rede ($M = 5,29$) do que aqueles que têm apoios de serviços domiciliários ($M = 3,16$), apresentando estas redes mais diminutas. Os idosos institucionalizados também apresentam poucos membros nas suas redes sociais, o que se verificou num estudo espanhol, com uma amostra de 131 idosos, em que os idosos institucionalizados tinham um tamanho médio de redes sociais informais de 13 membros (Zumalde, 1994).

Em Portugal, geralmente nos estudos realizados sobre valores e representações, a família surge como esfera prioritária de investimento pessoal e afetivo (Portugal, 2006). O mesmo se verifica quanto aos

idosos institucionalizados que revelam redes familistas, no entanto, existe uma maior tendência para valorizar os amigos residentes do que os amigos do exterior (Zumalde, 1994).

Objetivos de Estudos

Segundo Baptista (2001), a investigação é uma constante busca de conhecimento e de respostas em relação a um determinado objeto, o que, no caso dos Assistentes Sociais, assume especificidade o facto de ter no seu horizonte a perspectiva da intervenção profissional. Para o Assistente Social “o saber crítico aponta para o saber fazer crítico” (Baptista, 2001, p.42), pretendendo que a sua reflexão constitua ou potencie uma análise crítica de superação dos conhecimentos existentes. O estudo que apresentamos sobre redes sociais pessoais de idosos funda-se essencialmente numa perspectiva sistémica em Serviço Social, e pretende constituir-se como um contributo para a fundamentação de categorias diagnósticas que constam geralmente dos processos utilizados no âmbito de respostas sociais para a população idosa.

Nas últimas décadas do século passado registou-se um aumento contínuo do número de idosos que transformou as sociedades desenvolvidas em sociedades envelhecidas (FFMS, 2013). Segundo o estudo do INE (2009), denominado “Projeções de População residente em Portugal: 2008-2060”, em 2060, Portugal poderá continuar com cerca de 10 milhões de residentes (na ausência de fluxos migratórios externos). Prevê-se que a proporção de jovens irá reduzir-se de 15,3% em 2008 para 11,9% em 2060. A percentagem de população ativa passará de 67,2% em 2008 para 55,7%. A população com 65 ou mais anos de idade passará de 17,4% em 2008 para 32,3% em 2060. A população com 80 e mais anos de idade poderá passar de 4,2% do total de efetivos em 2008 para valores entre 12,7% e 15,8% em 2060. Em 2060 residirão em Portugal 271 idosos por cada 100 jovens. Assim, o envelhecimento na sociedade revela-se um dos desafios centrais do século XXI.

O Diagnóstico Social representa uma ferramenta de investigação e avaliação da realidade dos Assistentes Sociais, permitindo posteriormente, o planeamento da sua intervenção. Mary Richmond (1950) na sua obra *Social Diagnosis*, publicada em 1917, define diagnóstico social “como uma tentativa para conseguir definir o mais exatamente a situação social e a personalidade dum certo necessitado” (Richmond, 1950:37). A autora supramencionada resume as atividades do Assistente Social em quatro: compreensão da individualidade e das características pessoais; compreensão dos recursos, perigos e influências do meio social; ação direta da mentalidade do Assistente Social sobre a do seu cliente; ação indireta exercida pelo meio social. Já Idáñez e Ander-Egg (1999) dizem que a necessidade de realizar um diagnóstico está baseada no princípio de que é necessário conhecer para atuar com eficácia. Sendo todo o diagnóstico social uma das fases iniciais e fundamentais do processo de intervenção social. Desta forma consideram o diagnóstico social como um processo de elaboração e sistematização de informação que implica conhecer e compreender os problemas e necessidades dentro de um determinado contexto,

as suas causas e evoluções ao longo do tempo, assim como os fatores condicionantes de risco e as suas previsíveis tendências; permitindo uma discriminação dos mesmos segundo a sua importância, para um estabelecimento de prioridades e estratégias de intervenção, de maneira que se possa determinar de antemão a sua viabilidade, considerando tantos os meios disponíveis como as forças, atores sociais e todos os envolvidos na mesma (Idáñez e Ander-Egg, 1999)

Campanini e Lupi (1991), Idáñez e Ander-Egg (1999) consideram que a realidade e os problemas são sistémicos. Neste sentido, Campanini e Lupi (1991) referem que a fase de recolha de informação para o diagnóstico implicam três níveis: o nível do meio social, o nível da instituição e o nível do utente.

Seed (1990) diz que a análise de redes sociais é um meio potencial para identificar e entender as características dessas, ou seja, para fazer o seu diagnóstico social. Esta análise ajuda os Assistentes Sociais a refletir no modo como os indivíduos vivem o dia-a-dia, e também a analisar o seu contexto, relações sociais e atividades. No quotidiano profissional, os Assistentes Sociais são interpelados em diferentes instâncias organizacionais a produzirem informação a partir dos seus diagnósticos, o que se verifica no caso dos que trabalham com idosos.

A ausência de referenciais analíticos e de indicadores críticos para um diagnóstico das redes sociais em Serviço Social, traz um terreno ambíguo para a produção dessa informação, frequentemente não fundamentada em investigação. Ter redes sociais pessoais de idosos como objeto de estudo, implica investigar as relações entre os indivíduos, para descrevê-las e compreender o seu funcionamento, nomeadamente as suas formas de interação e provisão.

Assim, o desafio é contribuir para a produção de indicadores que permitam tipificar as redes sociais de idosos no diagnóstico social, partindo de dados empiricamente observados.

De acordo com a problemática enquadrada atrás, através da revisão da literatura, o nosso estudo tem como objetivo a descrição e a tipificação de perfis de redes sociais de idosos portugueses quanto às suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais, comparando idosos com e sem apoio por parte de respostas sociais.

Materiais e Métodos

“No sentido mais simples a ciência é entendida como um conjunto de conhecimentos humanos a respeito da natureza, da sociedade e do pensamento adquiridos pela descoberta e explicações das leis que regem o fenómeno”.

Ribeiro (2010, p.15).

O método científico envolve a observação de fenómenos de um modo especial (Baltes et al, 1977, cit in Ribeiro, 2010), recorre a técnicas e procedimentos muito variados, uns mais qualitativos, outros mais quantitativos, isolados ou combinados, e que deve ser escolhidos para responder de modo mais adequado à questão da investigação. O presente projeto de investigação usa o método indutivo, isto é, uma proposta que se inicie através da observação e posteriormente passe a teoria. Após recolha de dados, foram analisados para seguidamente clarificar a associação de variáveis em estudo. A metodologia será quantitativa, privilegiando uma análise bivariada e correlacional, e recorrerá também à metodologia da análise de redes sociais.

O presente estudo integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” da responsabilidade das Professoras Doutoradas Sónia Guadalupe, Fernanda Daniel, Inês Amaral e do Professor Doutor Henrique Vicente, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do Instituto Superior Miguel Torga e do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE).

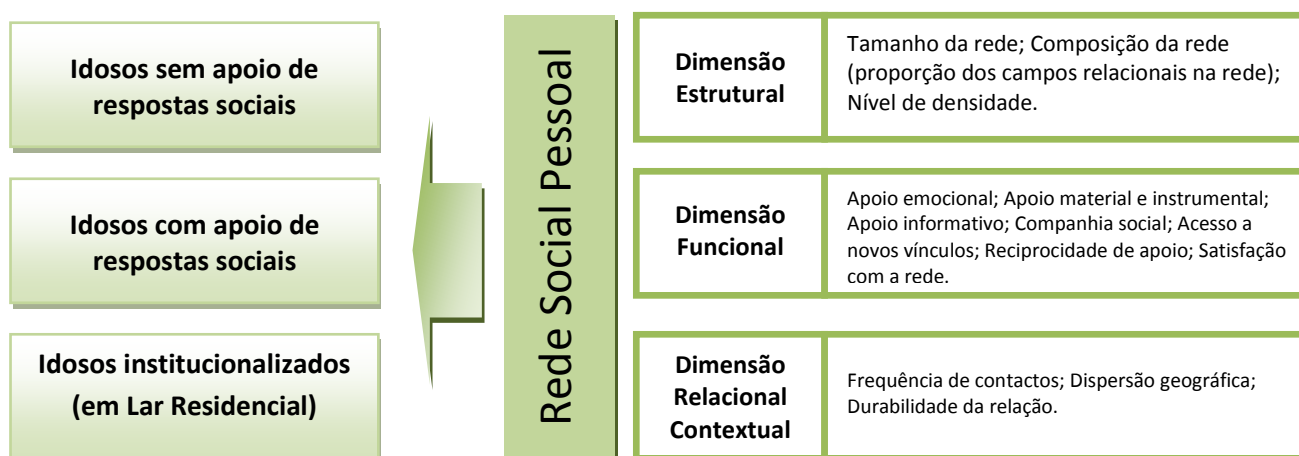


Figura 1- Desenho da Investigação

Neste estudo foi adotado um desenho observacional. O investigador não intervêm, mas desenvolve procedimentos metodológicos, em concreto o inquérito por questionário, para descrever os acontecimentos que ocorrem e quais os efeitos ou as relações dos acontecimentos com as variáveis (Ribeiro, 2010). Neste caso é um estudo observacional descritivo de comparação entre grupos,

escolhidos com base no critério de um grupo possuir uma característica de interesse para o estudo sobre redes sociais da população idosa. Os dados foram recolhidos num único período de tempo (ibidem.), sendo de corte transversal.

Participantes

A amostra é constituída por 317 pessoas com idade igual ou superior a 65 anos. Os elementos que a envolvem são somente determinados pela sua idade (superior a 65 anos), sendo uma amostra não-probabilística. Neste grupo de pessoas distinguimos três grupos de idosos, podemos verificar que cerca de 88,3% (280) são idosos não institucionalizados, 65,9 % são idosos que não usufruem de respostas sociais e 22,4% tem apoios de respostas sociais (ex. centro de dia, centro de noite, serviços de apoio domiciliário e centro de convívio). Os restantes 11,7% da amostra representam a população idosa institucionalizada da amostra (isto é, integrados em Lares Residenciais).

Tabela 1. Características da amostra segundo o apoio de respostas sociais I

	Não institucionalizado n= 280 (88,3%)		Institucionalizado n=37 (11,7%)	Total n=317 (100%)	Testes Qui- quadrado (2 grupos)	Testes Qui- quadrado (3 grupos)
	Sem apoio de respostas sociais n=209 (65,9%)	Com apoio de respostas sociais n=71 (22,4%)	n (%)	n (%)		
	n (%)	n (%)				
Sexo						
Feminino	128 (40,4%)	48 (15,1%)	26 (8,2%)	202 (63,7%)	$\chi^2=0,777$ gl=1 $p=0,378$	$\chi^2=1,705$ gl=2 $p=0,426$
Masculino	81 (25,6%)	23 (7,3%)	11 (3,5%)	115 (36,3%)		
Estado civil						
Solteiro/a	15 (4,7%)	10 (3,2%)	6 (1,9%)	31 (9,8%)	$\chi^2=13,469$ gl=3 $p=0,004$	$\chi^2=36,357$ gl=6 $p=0,000$
Casado/a união de facto	130 (41,%)	21 (6,6%)	9 (2,8%)	160 (50,5%)		
Viúvo/a	56 (17,7%)	34 (10,7%)	21 (6,6%)	111 (35%)		
Divorciado/ ou separado/a	8 (2,5%)	6 (1,9%)	1 (0,3%)	15 (4,7%)		
Grupo Etário						
<75	114(36%)	21 (6,6%)	4 (1,3%)	139 (43,8%)	$\chi^2=42,856$ gl=2 $p=0,000$	$\chi^2=62,38$ gl=4 $p=0,000$
76-85	81 (25,6%)	32 (10,1%)	14 (4,4%)	127 (40,1%)		
86+	14 (4,4%)	18 (5,7%)	19 (6%)	51 (16,1%)		
Idade (em anos)	M=75,0 DP=6,647	M=79,86 DP=8,316	M=83,38 DP=5,673	M=77,07 DP=7,570 Min=65Máx= 98		

n= número de casos; χ^2 = Testes Qui-quadrado; M= Média; DP= Desvio-Padrão; Min= Mínimo; Máx= Máximo

Na tabela acima verificamos que na amostra o sexo feminino (63,7%) prevalece sobre o sexo masculino (36,3%). Na distribuição da população de sexo feminino, pelos três grupos definidos para comparação, observa-se que há 40,4% de idosas sem apoio de respostas sociais, 15,1% com apoio de respostas sociais e 8,2% institucionalizadas. Quanto aos idosos de sexo masculino reparamos que 25,6% não tem

apoio de respostas sociais, 7,3% tem apoio de respostas sociais e 3,5% encontram-se institucionalizados.

A população idosa que constitui a amostra tem uma média de idade 77 anos, a idade mínima é de 65 anos e a máxima situa-se nos 98 anos. O desvio-padrão encontra-se em 7,570, ou seja, encontra-se próximo da média de idade. Verifica-se na amostra total que 43,8% tem menos de 75 anos de idade, 40,1% encontram-se entre os 76-85 anos e 16,1% dos idosos têm 86 ou mais anos. Esta amostra certifica a tendência natural, em que conforme se envelhece maior é a necessidade de apoios e, posteriormente, a institucionalização. Idosos com menos de 65 anos encontram-se na sua grande parte (36%) sem necessitar de apoios de respostas sociais. Entre os 76-85 anos é notório as alterações nos grupos constituintes da amostra, surgindo mais idosos a necessitar de apoio de serviços sociais e institucionalizados. Os idosos com 86 anos encontram-se em maior número no grupo dos institucionalizados (6%) e em menor número sem respostas sociais (4,4%).

Na população idosa, que constitui a amostra, verifica-se quanto ao estado civil um maior número de entrevistados agrupados como casados ou união de facto (50,5%) e viúvos (35%). De facto é interessante verificar que os idosos que se encontram casados ou em união de facto, indicam precisar de menos apoios de respostas sociais que os restantes. Tanto solteiros, como viúvos e divorciados/separados, ou seja, idosos que vivem sem companheiro(a) apresentam maiores índices percentuais quanto à necessidade de apoios de respostas sociais. Ainda revelando-se que os viúvos têm maior tendência à institucionalização.

Assinale-se que em duas variáveis sociodemográficas (estado civil e grupo etário) encontramos associações significativas com as segmentações da amostra relativamente aos contextos de vida, quando consideramos na análise 2 e 3 grupos, sendo os valores de $p \leq 0,004$, apesar de ressalvamos que algumas categorias apresentarem frequências muito baixas relativamente aos pressupostos necessários para os testes.

Instrumentos

Neste estudo foi utilizado o método de investigação quantitativa através do inquérito por questionário (Anexo I) direcionado a pessoas com mais de 65 anos de idade. No questionário são utilizadas três medidas de avaliação: nominais/categorias, ordinais e escalas de intervalo. Foi utilizada uma bateria para recolha de dados junto da população-alvo, tendo participado na recolha de dados doze mestrandos de Serviço Social e Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Toga. A bateria encontra-se dividida nas seguintes secções: a) características sociodemográficas e familiares; b) características socioprofissionais e de aposentação; c) (e)migração; d) saúde e qualidade de vida; e) solidão e

depressão; f) satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente; g) participação social; h) rede social pessoal;

No presente estudo usámos os dados da primeira e da última parte, isto é, as relativas às variáveis sociodemográficas e da rede social pessoal.

Para avaliação das características das redes sociais pessoais foi utilizado o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP). O IARSP (Guadalupe, 2009) é um instrumento multidimensional que pretende recolher informação acerca da rede social pessoal do indivíduo questionado. Permite caracterizar a rede quanto ao tamanho e composição (elementos da rede e vínculo), densidade, frequência de contatos e dispersão geográfica, e quanto às funções genéricas de suporte social, ou seja, apoio emocional, material e instrumental, informativo, companhia social, e acesso a novos contatos. A presente versão do IARSP foi desenvolvido especificamente para este projeto de investigação pelos investigadores Sónia Guadalupe e Henrique Vicente. Dela constam também perguntas sobre a reciprocidade do apoio e mudança percebida da rede, as perdas que o entrevistado colocaria na sua rede, os cortes relacionais com as pessoas importantes, a satisfação com a rede, com o suporte que esta fornece e por último, uma questão quanto à existência de cuidador.

Análise de Dados

“Existem diversos programas de *software* informático que permitem analisar e visualizar redes. Estes estão associados à metodologia específica designada por Análise de Redes Sociais (ARS) e são usados fundamentalmente em investigação em diferentes áreas científicas” (Guadalupe, 2009, p.104). Os programas utilizados são: o UCINET 6 e o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). O UCINET 6 é um *software* de análise de redes sociais, desenvolvido por Steve Borgatti, Everett e Martin Freeman Lin. Considera-se o programa informático mais utilizado para análises de dados de redes sociais. Permite criar matrizes que possibilitam a utilização de métodos descritivos e de visualização gráfica, o que possibilita a tipificação de características estruturais da rede. O SPSS permitiu realizar cálculos estatísticos complexos e visualizar os seus resultados, tendo sido usado para analisar outras características da rede e da amostra, utilizando sobretudo a análise bivariada e tendo decidido pela utilização de testes não paramétricos, atendendo à violação da normalidade das distribuições, previamente testadas.

Apresentação dos Resultados

De seguida serão apresentados os resultados mais revelantes do presente estudo. Primeiro serão apresentadas características relevantes da amostra, posteriormente, o estudo das características das redes sociais. Os resultados são acompanhados por testes de associação entre variáveis e de comparação das distribuições para dois grupos (idosos institucionalizados vs. idosos não institucionalizados) e para três grupos (idosos sem apoio de respostas sociais vs. idosos com apoio de respostas sociais e vs. idosos institucionalizados). Por fim, serão apresentados perfis de rede que emergem a partir das características que os resultados sugerem.

Tabela 2. Características da amostra segundo o apoio de respostas sociais II

Características da Amostra	Não institucionalizado n= 280 (88,3%)		Institucio- nalizado n=37 (11,7%)	Total n=317 (100%)	Testes Qui- quadrado (2 grupos)	Testes Qui- quadrado (3 grupos)
	Sem apoio de respostas sociais n=209 (65,9%)	Com apoio de respostas sociais n=71 (22,4%)	n (%)	n (%)		
	n (%)	n (%)				
Com ou sem Filhos					$\chi^2=3,53$ gl=1 p=0,060	$\chi^2=8,87$ gl=2 p=0,012
Sim	188 (59,3%)	56 (17,7%)	28 (8,8%)	272 (85,8%)		
Não	21 (6,6%)	15 (4,7%)	9 (2,8%)	45 (14,2%)		
Zona de Residência					$\chi^2=9,44$ gl=2 p=0,009	$\chi^2=15,196$ gl=4 p=0,004
Rural	151 (47,6%)	61 (19,2%)	28 (8,8%)	240 (75,7%)		
Urbano	30 (9,5%)	7 (2,2%)	0 (0%)	37 (11,7%)		
Suburbano	28 (8,8%)	3 (0,9%)	9 (2,8%)	40 (12,6%)		
Vive					$\chi^2=9,78$ gl=1 p=0,002	$\chi^2=12,596$ gl=2 p=0,002
Vive só	40 (12,6%)	20 (6,3%)	0 (0%)	60 (18,9%)		
Não vive só	169 (53,3%)	51 (16,1%)	37 (11,7%)	257 (81,1%)		
Tipo de família quanto à composição					$\chi^2=346,86$ gl=5 p=0,000	$\chi^2=314,80$ gl=10 p=0,000
Unipessoal (vive só)	38 (12%)	26 (8,2%)	0(0%)	64 (20,2%)		
Casal (vive com cônjuge)	88 (27,8%)	12 (3,8%)	0(0%)	100 (31,5%)		
Casal + Família alargada	45 (14,2%)	11 (3,5%)	0(0%)	56 (17,7%)		
Indivíduo + Família alargada	32 (10,1%)	14 (4,4%)	0(0%)	46 (14,5%)		
Indivíduo + outros	6 (1,9%)	8 (2,5%)	0 (0%)	14 (4,4%)		
Não vive em contexto familiar (em instituição)	0(0%)	0(0%)	37(11,7%)	37 (11,7%)		

n= número de casos; χ^2 = Testes Qui-quadrado; Tipo de família quanto à composição: Unipessoal (vive só); Casal (vive com cônjuge); Casal mais família alargada; Indivíduo mais família alargada (filhos, genros, nora, netos); Indivíduo mais outros (com outros parentes ou outras pessoas); Não vive em contexto familiar (em instituição);

A Tabela 2 possibilita-nos observar algumas características da amostra segundo o apoio de respostas sociais. Logo revela-nos que 85,8% dos idosos têm filhos e 14,2% não têm. Numa primeira instância observa-se que a maioria dos idosos sem apoio de respostas sociais tem filhos (59,3%). Através do teste χ^2 verifica-se que existe associação entre a variável “com ou sem filhos” e os três grupos de idosos estudados.

A zona de residência (rural, urbano e suburbano) também evidencia uma associação significativa com os grupos em comparação. Na amostra verificamos que 75,7% idosos residem em zonas rurais, 11,7% em zonas urbanas e 12,6% em suburbanas.

A maioria dos idosos que compõem a presente amostra, não vivem sozinhos (81,1%). Na amostra os grupos de idosos que tem e não tem apoio de respostas sociais (não institucionalizados) são os que habitam mais sozinhos; como era de esperar os idosos institucionalizados não residem sozinhos.

Na tabela acima identificamos uma associação significativa entre a composição de famílias e os grupos em estudo, o que se comprova nos testes aos dois grupos como aos três ($p < 0.001$). Verifica-se que os idosos em que o tipo de família é constituído por casal (27,8%) e casal mais família alargada (14,2%), tem tendência a não necessitar tanto de usufruir de apoios de respostas sociais. Os idosos que vivem sozinhos na sua maioria não usufruem de respostas sociais (12%), no entanto, já se observa maior ocorrência a ter apoios de respostas sociais (8,2%). O mesmo se verifica nas famílias constituídas por indivíduo mais família alargada. Os idosos que vivem com outros parentes ou pessoas próximas, já se encontram na sua maioria a receber apoios de respostas sociais. Os que não vivem em contexto familiar encontram-se todos institucionalizados (10,4%).

Tabela 3. Características da rede social pessoal da amostra global

Características estruturais	M	Me	DP	Mínimo	Máximo	n
Tamanho da Rede	7,738	6	5,615	1	40	317
Proporção das relações familiares na rede	76,457	85,71	27,438	0	100	317
Proporção das relações de amizade	12,783	0,000	20,680	0	100	317
Proporção das relações de vizinhança	8,722	0,000	18,532	0	100	317
Proporção das relações de trabalho	0,5259	0,000	3,658	0	36,36	317
Proporção das relações com técnicos	1,510	0,000	5,932	0	40	317
Nível de densidade	96,992	100	9,757	40	100	287
Características funcionais						
Apoio Emocional	2,648	2,80	0,414	1	3	317
Apoio Material e Instrumental	2,319	2,33	0,504	1	3	317
Apoio Informativo	2,352	2,33	0,542	1	3	317
Companhia Social	2,374	2,33	0,478	1	3	316
Acesso a novos vínculos	2,17	2,16	0,633	1	3	315
Reciprocidade de Apoio	3,331	4	0,889	1	4	317
Satisfação com a rede	2,66	3	0,530	1	3	275
Características relacionais-contextuais						
Frequência de contactos	2,167	1	0,953	1	5	317
Dispersão geográfica	2,741	1	0,964	1	5	317
Durabilidade da relação	40,43	34	11,75	8	74	312

M=Média; Me= Mediana; DP= Desvio-Padrão; Min=Mínimo; Máximo=Máximo;

Numa primeira instância, verificamos que os idosos que compõem a amostra (317) têm como tamanho médio das redes sociais 7,7 indivíduos, estando o desvio-padrão bastante perto deste número (5,615).

Na composição da amostra total a proporção de familiares na rede revela-se maioritária (M=76,5%). Posteriormente, encontramos as relações de amizade (M=12,8%), as relações com a vizinhança

(M=8,8%), as relações com os técnicos (M=1,5%) e as relações de trabalho (M=0,5%). O nível de densidade encontra-se bastante alto (M=96,9%), revelando redes muito coesas.

Para podermos fazer uma análise das características funcionais, é necessário entender que o nível de apoio ou ajuda percebida foi avaliado numa escala de *Likert* de 3 pontos: 1-nenhum apoio; 2-algum apoio; 3-muito apoio. Sendo assim, verificamos que os resultados demonstram que os idosos estão muito satisfeitos perante o apoio emocional recebido (M=2,648). Relativamente ao apoio material e instrumental, identifica-se algum apoio/ajuda percebida (M=2,319). O mesmo se verifica no apoio informativo (M=2,352), na companhia social (M=2,374) e no acesso a novos vínculos (M=2,17). A reciprocidade do apoio foi avaliada numa escala de 4 pontos: 1- não dá apoio a nenhuma destas pessoas; 2- dá apoio a poucas destas pessoas; 3- dá apoio a algumas destas pessoas; 4- Dá apoio à maior parte das pessoas. Os idosos que constituem a amostra referem oferecer apoio, em média, a algumas das pessoas que fazem parte da sua rede social (M=3,331). A variável satisfação com a rede foi avaliada numa escala de 3 pontos: 1- nada; 2- pouco; 3- muito. Assim, podemos verificar que existe um nível intermédio de satisfação quanto à satisfação revelada com as suas redes (M=2,66).

Os dados relativos à frequência de contactos foram classificados em: 1- diariamente; 2 - algumas vezes por semana; 3 - semanalmente; 4 - algumas vezes por mês; 5- algumas vezes por ano. Identificamos que os idosos contactam, em média, várias vezes por semana os membros da sua rede social (M=2,167). Na dispersão geográfica (codificada em: 1- na mesma casa; 2- no mesmo bairro/rua; 3 - na mesma terra; 4- até 50Km; 5- a mais de 50Km), concluímos que os idosos da amostra, em média, residem na mesma terra ou no mesmo bairro dos membros das redes (M= 2,741). A durabilidade das relações com os indivíduos encontra-se nos 40 anos, em média.

Tabela 4. Características estruturais das redes sociais segundo o apoio de respostas sociais

Características estruturais das redes sociais	Não institucionalizado n= 280 (88,3%)		Institucionalizado n=37 (11,7%)	Testes Mann-Whitney (2 grupos)	Testes Kruskal Wallis (3 grupos)
	Sem apoio de respostas sociais n=209 (65,9%)	Com apoio de respostas sociais n=71 (22,4%)	M (DP)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Tamanho da Rede	8,34 (6,3) Md 6 Mo 3	5,8 (2,75) Md 6 Mo 6	6,69 (4,67) Md 6 Mo 2*	U=4756 p= 0,417	H=2,402 p=0,301
Proporção das relações familiares	81,39 (24,66)	77,49 (26,58)	70,2 (31,27)	U=4279 p=0,073	H=5,394 p=0,067
Proporção das relações de amizade	10 (19,19)	10,88 (15,56)	25,1 (31,38)	U=3917 p=0,006	H=9,643 p=0,008
Proporção das relações de vizinhança	7,73 (15,88)	7,98 (21,94)	1,4 (4,8)	U=3929 p=0,003	H=9,639 p=0,008
Proporção das relações de trabalho	0,72 (4,46)	0,46 (2,6)	0	U=5013,5 p=0,269	H=1,273 p=0,529
Proporção das relações com técnicos	0	3,16 (7,11)	3,24 (10,12)	U=4315,5 p=0,000	H=47,791 p=0,000
Nível de densidade	99 (4,4)	90,9 (16,16)	96,2 (11,29)	U=4039 p=0,546	H=30,204 p=0,000

M=Média; DP= Desvio- Padrão; U=Teste de mann-Whitney; H=Teste de Kruskal-Wallis; Md= Mediana; Mo= Moda *Multimodal

Nas características estruturais dos idosos que se encontram sem apoios de respostas sociais, verificamos que o tamanho médio da rede é de 8 indivíduos, sendo a mediana 6 e a moda 3 (tamanho de rede mais frequentemente registado nesta subamostra). Relativamente à composição da rede, as relações familiares são dominantes ($M=81\%$), num segundo plano estão as relações de amizade ($M=10\%$), seguidamente as de vizinhança ($M=7,73\%$). Por sua vez, as relações de trabalho são diminutas ($M=0,72\%$). Não se identifica qualquer relação com técnicos, sendo já esperado, devido a ser um grupo sem apoio de respostas sociais. A densidade verificada nesta rede revela ser muito expressiva, verificando-se um nível de coesão próximo da total (99).

Os idosos com o apoio de respostas sociais têm uma média de 6 indivíduos na sua rede. A mediana e a moda têm o mesmo valor, ou seja, 6. Nesta rede social, as relações familiares também são dominantes ($M=77,49\%$). As relações de amizade ($M=10,8\%$) são as segundas mais preponderantes, e, seguidamente, as de vizinhança ($M=7,9\%$). Quanto a relações com pessoas de trabalho, são também diminutas ($M=0,46\%$). No entanto, esta rede social já apresenta relações com técnicos, revelando alguma importância ($M=3,16\%$). Nesta rede verifica-se uma forte densidade (90,9).

O tamanho médio da rede de idosos que se encontram institucionalizado é composto por 7 indivíduos. A mediana é 6 e é multimodal, sendo 2 a moda mais baixa. Conforme as outras redes sociais analisadas identificamos uma maior proporção ocupada pelas relações familiares ($M=70,2\%$). Nestas redes de idosos institucionalizados é notória uma maior tendência para relações de amizade ($M=25\%$). Já a proporção de relações com a vizinhança apresenta-se, enquanto comparadas com as outras redes analisadas, muito baixas ($M=1,4\%$). Os idosos institucionalizados também enquadram os técnicos ($M=3,2\%$) nos campos das suas redes sociais. Quanto à coesão também se encontra num nível alto, entendendo-se que todos os membros que constituem estas redes se conhecem ($M=96,2$).

Constatou-se que o tamanho da rede e os grupos de idosos têm o nível de significância muito elevado ($p= 0,300$), podendo aceitar-se a hipótese nula. Na proporção das relações familiares, tanto na comparação com 2 grupos ou 3 grupos, também se verificou a inexistência de diferenças significativas ($p= 0,066$). Já na proporção das relações de amizade identifica-se diferenças significativas na comparação de 2 e 3 grupos ($p< 0,009$). O mesmo se verifica na proporção das relações com a vizinhança ($p< 0,009$). Quanto à proporção das relações de trabalho, o nível de significância indica-nos que não existem diferenças significativas na comparação entre os 2 e 3 grupos de idosos ($p= 0,268$). Na proporção das relações com os técnicos, como já era esperado, verificam-se diferenças significativas na comparação entre os 2 e 3 grupos ($p<0,001$). No nível de densidade identificam-se diferenças significativas na comparação entre os 3 grupos ($p< 0,001$). Já na comparação entre os dois grupos de idosos o nível de densidade não apresenta diferenças significativas ($p= 0,546$).

Tabela 5. Características funcionais das redes sociais pessoais segundo o apoio de respostas sociais

Características funcionais das redes sociais	Não institucionalizado n= 280 (88,3%)		Institucionalizado n=37 (11,7%)	Testes Kruskal Wallis (2 grupos)	Testes Kruskal Wallis (3 grupos)
	Sem apoio de respostas sociais n=209 (65,9%)	Com apoio de respostas sociais n=71 (22,4%)	M (DP)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Apoio Emocional	2,66 (0,41)	2,62 (0,37)	2,61 (0,496)	U=5085 p=0,850	H=1,618 p= 0,445
Apoio Material e Instrumental	2,36 (0,51)	2,28 (0,40)	2,15 (0,60)	U=4461,5 p=0,168	H= 3,181 p= 0,204
Apoio Informativo	2,39 (0,54)	2,30 (0,44)	2,22 (0,65)	U=4693,5 p=0,349	H= 3,071 p= 0,215
Companhia Social	2,42 (0,43)	2,29 (0,47)	2,25 (0,66)	U=4627 p=0,303	H= 3,307 p= 0,191
Acesso a novos vínculos	2,21(0,62)	2,11 (0,567)	2,03(0,67)	U=4644,5 p=0,335	H= 1,880 p= 0,391
Reciprocidade de Apoio	3,55(0,65)	2,80 (1,10)	3,18 (1,94)	U=4866,5 p=0,504	H= 27,311 p= 0,000
Satisfação com a rede	2,85 (0,35)	2,73 (0,50)	2,64 (0,58)	U=4508,5 p=0,059	H=6,374 p= 0,041

M=Média; DP= Desvio-Padrão; U=Teste de mann-Whitney; H=Teste de Kruskal-Wallis

Na tabela 5 é possível analisar que os idosos sem apoio de respostas sociais estão muito satisfeitos (M=2,66) com o apoio emocional que usufruem. Já no apoio material e instrumental percebido revelam usufruir de algum (M=2,36). O mesmo se verifica no apoio informativo (M=2,39), na companhia social (M=2,42) e no ao acesso a novos vínculos (M=2,21), indicam algum apoio/ajuda percebida. Os idosos identificados como egos da rede social revelam dar apoio à maioria das pessoas que a constituem (M=3,55), revelando estar muito satisfeito com a rede (M=2,85).

As redes sociais compostas pelos idosos com apoio de respostas sociais revelam ter muito apoio emocional (M=2,62). No apoio material e instrumental demonstraram ter algum apoio da rede (M=2,28). O apoio informativo (M=2,30) que esta rede fornece ao idoso, segundo a tabela é algum. O mesmo se conclui quanto à satisfação relativo à companhia social que a rede oferece (M=2,29). Quanto à atribuição de novos vínculos (M=2,11) a rede social também fomenta algum. Os idosos que se encontram como o ego desta rede, revelam oferecer apoio a alguns dos seus membros (M=2,80). No entanto, demonstram muita satisfação com a rede (M=2,73).

Os idosos que se encontram institucionalizados revelam ter muito apoio emocional (M=2,61). Já no apoio material e instrumental (M=2,15) confessam ter algum, o mesmo se verifica com o apoio informativo (M=2,22). A companhia social (M=2,25) e a atribuição de novos vínculos (M=2,03) que

estas redes oferecem é também algum. Quanto à reciprocidade de apoio, o ego que representa as redes institucionais refere dar apoio a alguns dos seus membros ($M=3,18$). Os idosos institucionalizados revelam estar muito satisfeitos com a rede ($M=2,64$).

Através do teste *Kruskal Wallis* analisamos as características funcionais dos três grupos de redes. No apoio emocional, material e instrumental, informativo, companhia social e acesso a novos vínculos observaram-se níveis de significância muito elevados ($p= 0,169$). Concluindo-se que nestes casos se deve aceitar a hipótese nula, que afirma que a distribuição é igual para todos os grupos. Já na reciprocidade de apoio identificamos diferenças significativas na comparação entre os 3 grupos ($p<0,001$); o mesmo não se verifica na comparação entre os dois grupos ($p=0,504$). Em relação à satisfação com a rede concluímos que existem diferenças significativas na comparação entre os 3 grupos ($p= 0,042$), contrariamente à comparação entre dois grupos ($p=0,059$).

Tabela 6. Características relacionais-contextuais das redes sociais pessoais

Características relacionais- contextuais das redes sociais	Não institucionalizado n= 280 (88,3%)		Institucionalizado n=37 (11,7%)	Testes Kruskal Wallis (2 grupos)	Testes Kruskal Wallis (3 grupos)
	Sem apoio de respostas sociais n=209 (65,9%)	Com apoio de respostas sociais n=71 (22,4%)	M (DP)		
	M (DP)	M (DP)			
Frequência de contactos	2,08(0,86)	2,02(0,83)	2,97(1,27)	U=3009,5 p=0,000	H= 17,392 p= 0,000
Dispersão geográfica	2,63(0,9)	2,79(0,89)	3,24 (1,25)	U=3432,5 p= 0,001	H= 12,194 p= 0,002
Durabilidade da relação	41,15(11,07)	40,53(12,21)	36,26(13,89)	U=3896 p= 0,021	H= 5,936 p= 0,051

M=Média; DP= Desvio-Padrão; U=Teste de mann-Whitney; H=Teste de Kruskal-Wallis

Na tabela acima podemos verificar que os idosos sem apoio de respostas sociais estabelecem várias vezes por semana contactos os membros da sua rede ($M=2,08$). Identificamos que os membros constituintes dessa rede, por norma, vivem na mesma terra ($M=2,63$). Ainda se concluiu que a relação entre os membros da rede tem uma durabilidade média de 41 anos.

Nas redes de idosos com apoios de respostas sociais identificou-se que a frequência de contatos é regular, ou seja, algumas vezes por semana ($M=2,02$). Na dispersão geográfica verificou-se que os membros desta rede social vivem na mesma terra ($M=2,79$). A durabilidade das relações tem uma média de 41 anos.

Nas redes de idosos institucionalizados conferimos que a frequência de contactos é semanal ($M=2,97$). Observa-se uma maior distância, em relação às outras redes analisadas, na dispersão geográfica. No entanto, conforme a codificação vivem na mesma terra ($M=3,24$). A durabilidade das relações encontra-se nos 36 anos.

Analisando as características relacionais-contextuais podemos observar que existem diferenças significativas nas frequências de contactos com os 2 e 3 grupos ($p= 0,000$). Na dispersão geográfica, o nível de significância também se encontra muito baixo, quando comparado os 2 e 3 grupos ($p< 0,003$). Já na durabilidade da relação observou-se diferenças significativas na comparação entre 2 grupos ($p= 0,021$). Já a durabilidade da relação quando comparada com os 3 grupos não apresenta diferenças significativas ($p=0,051$).

Tabela 7. Características da amostra segundo o apoio de respostas sociais.

	Não institucionalizado n= 280 (88,3%)		Institucionalizado n=37 (11,7%)	Total n=317 (100%)	Testes Qui-quadrado (2 grupos)	Testes Qui-quadrado (3 grupos)
	Sem apoio de respostas sociais n=209 (65,9%)	Com apoio de respostas sociais n=71 (22,4%)				
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)		
Sexo na rede						
Heterogénea no género	160 (50,5%)	47 (14,8%)	23 (7,3%)	230 (72,6%)	$\chi^2=2,842$ gl=2	$\chi^2=9,041$ gl=4
Homogénea no género Feminino ($\geq 75\%$)	31 (9,8%)	20 (6,3%)	11 (3,5%)	62 (19,6%)	$p=0,241$	$p=0,060$
Homogénea no género Masculino ($\geq 75\%$)	18 (5,7%)	4 (1,3%)	3 (0,9%)	25 (7,9%)		
Idade na rede						
Heterogénea na idade	132 (42,9%)	35 (11,0%)	20 (6,3%)	191 (6,3%)	$\chi^2=2,820$ gl=3	$\chi^2=8,750$ gl=6
Homogénea no grupo idosos ($\geq 75\%$)	15 (4,7%)	8 (2,5%)	6 (1,9%)	29 (9,1%)	$p=0,420$	$p=0,188$
Homogénea no grupo adultos ($\geq 75\%$)	57 (18,0%)	27 (8,5%)	11 (3,5%)	95 (30,0%)		
Homogénea no grupo jovens ($\geq 75\%$)	1 (0,3%)	1 (0,3%)	0	2 (0,6%)		
Tipo de densidade da rede						
Coesa	188 (65,5%)	50 (17,4%)	30 (10,5%)	268 (93,4%)	$\chi^2=0,627$ gl=2	$\chi^2=28,968$ gl=4
Fragmentada	3 (1,0%)	12 (4,2%)	3 (1,0%)	18 (6,3%)	$p=0,731$	$p=0,000$
Dispersa	0	1 (0,3%)	0	1 (0,3)		

n= número de casos; χ^2 = Testes Qui-quadrado

A tabela acima possibilita-nos analisar as redes sociais quanto a heterogeneidade no sexo e da idade. Além destas variáveis é também estudado o tipo de densidade das redes.

A maioria dos idosos que se encontram sem apoio de respostas sociais revela ter redes heterogéneas no género (50,5%). Este grupo de idosos também apresenta heterogeneidade na idade nas suas redes (42,9%). O tipo de densidade da rede identifica-se como coesa, na grande maioria deste grupo (65,5%).

Os idosos com apoio de respostas sociais na sua maioria revelam redes heterogéneas quanto ao género (14,85%). A mesma heterogeneidade se revela em relação à idade (11%), no entanto, também se identifica um número elevado de redes homogéneas no grupo dos adultos (8,5%). A tabela acima ainda nos revela que a maior parte dos idosos que se encontram neste grupo têm redes coesas (17,4%), no entanto, também se identificam alguns casos de redes fragmentadas (4,2%).

A maior parte dos idosos que se encontram institucionalizados revelam ter redes heterogéneas quanto ao género (7,3%), também se encontram vários casos de redes homogéneas no género feminino (3,5%). Em relação à idade, na rede identifica-se tendência a serem heterogéneas, mas também se verificam vários casos de homogeneidade no grupo adultos (3,5%). A maioria dos idosos que se encontram neste grupo apresenta redes coesas (93,4%).

Nas características relacionados com o sexo e idade na rede observamos níveis de significância elevados, tanto na comparação entre os 2 grupos como os 3 grupos ($p= 0,059$). O que nos revela que não existem diferenças significativas nestas duas características. Já na densidade das redes observamos diferença significativa quando analisada com os 3 grupos ($p< 0,001$), o que não se verifica na análise aos dois grupos ($p= 0,731$).

Tabela 8. Características centrais das redes sociais pessoais nas três subamostras

	Idosos	Sem apoio de respostas sociais	Com apoio de respostas sociais	Institucionalizados
Características estruturais	Tamanho da rede	Rede Pequena (<8,5)	Rede Pequena (<7)	Rede Pequena (<7)
	Composição da rede	Rede Familiarista	Rede Familiarista	Rede Familiarista
	Distribuição da rede	Rede sem relações institucionais	Rede com todos os campos relacionais	Rede sem relações de trabalho
	Nível de densidade	Rede Coesa	Rede Coesa	Rede Coesa
Características funcionais percebidas	Apoio emocional	Muito Apoio	Muito Apoio	Muito Apoio
	Apoio material e instrumental	Algum Apoio	Algum Apoio	Algum Apoio
	Apoio informativo	Algum Apoio	Algum Apoio	Algum Apoio
	Companhia social	Algum Apoio	Algum Apoio	Algum Apoio
	Acesso a novos vínculos	Algum Apoio	Algum Apoio	Algum Apoio
	Reciprocidade de apoio	Apoio a maioria dos membros	Apoia alguns membros	Apoia alguns membros
Satisfação com a rede	Muito satisfeito	Muito satisfeito	Muito satisfeito	
Características relacionais-contextuais	Frequência de contactos	Vários contactos por semana	Vários contactos por semana	Contacto semanal
	Dispersão geográfica	Na mesma terra	Na mesma terra	Na mesma terra
	Durabilidade das relações com os membros da rede	41 anos	41 anos	36 anos
	Estado civil	Casado/a união de facto	Viúvo/a	Viúvo/a
	Idade (grupo etário)	<75	76-85	86+
	Homo/Heterogeneidade quanto à Idade na rede	Heterogénea na idade	Heterogénea na idade	Heterogénea na idade
	Homo/Heterogeneidade quanto ao género na rede	Heterogénea no género	Heterogénea no género	Heterogénea no género

Estes três perfis de redes sociais pessoais de idosos são sobretudo coincidentes, do ponto de vista estrutural. No tamanho são redes muito próximas, embora ligeiramente maiores naqueles que não tem apoio de respostas sociais. Na composição verificámos que as três redes analisadas são familistas. Já na distribuição dos membros pelas redes concluímos que os idosos que não tem apoio de respostas sociais

não têm relações institucionais e os idosos institucionalizados não tem relações de trabalho, isto quanto à perceção. Os idosos com apoio de respostas sociais revelam membros em todos os campos relacionais.

Nas características funcionais das redes verificam-se muitas semelhanças entre os três grupos. No entanto, os idosos que não têm apoio de respostas sociais revelam dar apoio à maioria dos membros, indicando a perceção de redes mais recíprocas. As restantes redes revelam dar apoio apenas a alguns dos membros das redes.

Nas características relacionais e contextuais já se verificam várias diferenças nas redes. Na frequência de contactos concluiu-se que os idosos institucionalizados têm menos contactos que os outros dois perfis. Estes contactam uma vez por semana os membros da rede, já os idosos que não estão institucionalizados revelam vários contactos por semana. A durabilidade das relações revela-se menor no grupo de idosos institucionalizados. Já no estado civil identificamos que idosos sem apoio de respostas sociais encontram-se na maioria casados(as) ou em união de facto. Os idosos com apoio de respostas sociais e institucionalizados na sua maioria são viúvos. Já no grupo etário verificamos que os idosos sem apoio de respostas sociais tem menos de 75 anos, os idosos com apoio de respostas sociais encontram-se entre os 76-85 anos e os idosos institucionalizados têm 86 ou mais anos.

Uma rede social representa-se através de um mapa, sendo este produzido com a finalidade de ser interpretado. A análise de redes no Serviço Social é, no entanto, mais ampla que a interpretação dos dados representados numa rede (Seed, 1990). O desenho da rede é, em alguns aspetos, a peça central, mas é necessário conhecer as informações sobre o contexto do utente, ambiente social e origem social, sobre as suas características de desempenho na vida e sobre os seus pontos de vista, entre outras características da sua trajetória de vida (idem.). De seguida apresentamos três casos ilustrativos da estrutura da rede a partir dos perfis emergentes.

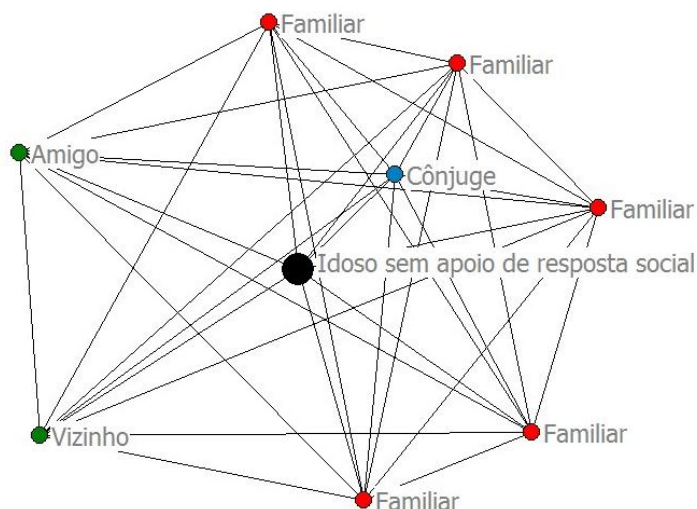


Figura 2 - Caso ilustrativo de uma rede de idosos sem apoio de serviços sociais.

Nas características estruturais da rede social apresentada na Figura 2, verificou-se que o número de pessoas nesta rede são oito, sendo esta uma rede social pequena. O nível de densidade é bastante alto (99), todos os membros estão conectados e interagem entre si. Quanto à composição e distribuição da rede constatou-se que na maioria são compostas pelo cônjuge, cinco familiares, um vizinho e um amigo.

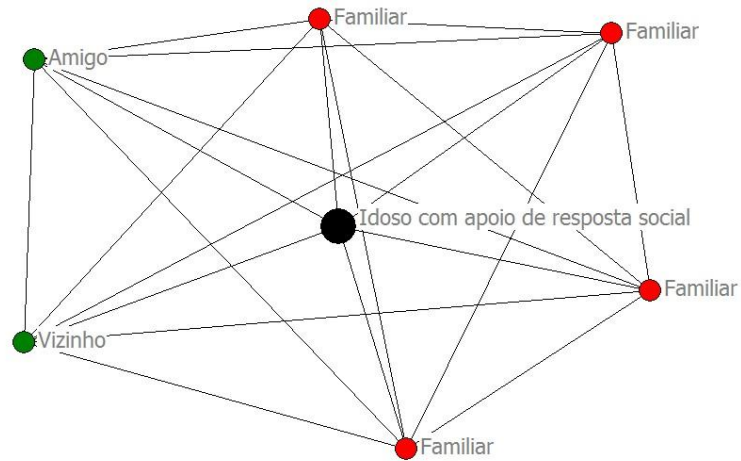


Figura 3 – Caso ilustrativo de uma rede de idosos com apoio de respostas sociais.

A rede social de idosos com apoio de serviços sociais revela um tamanho pequeno em relação ao número de membros, seis. A composição e distribuição desta rede situa-se essencialmente em dois quadrantes, verificando-se a existência de quatro familiares e dois amigos, sendo um destes vizinho. O nível de densidade apesar de ser menor que as outras redes é também bastante alto (90,9), o que significa que os membros da rede conhecem-se todos.

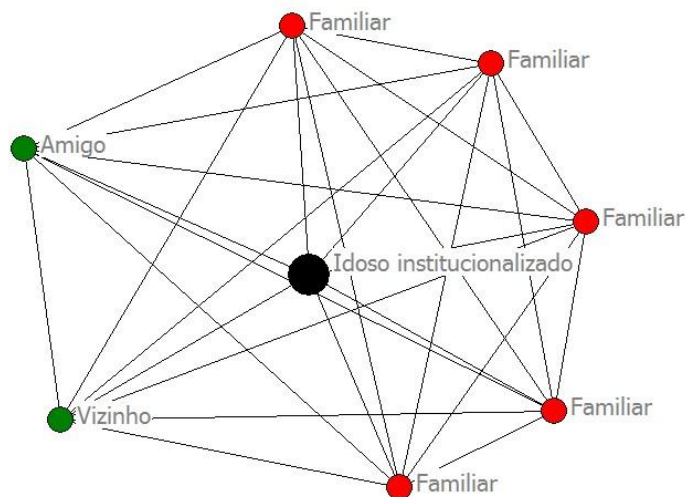


Figura 4 – Caso ilustrativo de uma rede de idosos institucionalizados

A rede dos idosos institucionalizados é composta por sete membros, identificando-se também, como uma rede pequena. No cômputo geral os membros encontram-se apenas em dois quadrantes, existindo

cinco familiares e dois amigos, sendo um destes vizinho. Na análise realizada à amostra podemos concluir que todos os membros se conhecem entre si, o que nos indica que a densidade é bastante elevada.

Discussão e Conclusão

A hipótese central do nosso estudo defendia que existiriam perfis distintos nas redes sociais pessoais dos idosos consoante a sua relação com o apoio de respostas sociais e contexto de vida. Esta levou-nos a analisar comparativamente as características das redes sociais da amostra, dividindo-a em três subamostras: os idosos sem apoio de respostas sociais, os idosos com apoio de respostas sociais não institucionalizados, e os idosos institucionalizados em Lar Residencial. No entanto, as nossas análises levam a concluir que existe um padrão comum nas redes sociais destes idosos, tanto a nível estrutural, como a nível funcional ou a nível contextual. Ou seja, não emergiram perfis com vincadas diferenças quando analisados as variáveis a partir das suas tendências centrais. Contudo, emergiram diferenças subtis que oferecem interesse à investigação e, eventualmente, à orientação da avaliação no diagnóstico social.

Assim, em coerência com a análise efetuada dos resultados, discutimos adiante os aspetos centrais que nos interpelaram e queremos sublinhar.

Nos três perfis de redes de idosos analisados a partir dos resultados, constatámos que todas as redes são pequenas, independentemente se são apoiados ou não por respostas sociais. Estes resultados coincidem com as ideias veiculadas por Sluzki (1996), quando se refere à “extinção progressiva da galáxia na rede social na velhice”. Ou seja, quando se chega a idades mais avançadas existe tendência em as redes ficarem mais pequenas, atendendo às perdas relacionais geracionais e outros fatores associados à aposentação e senescência, factos também verificados nos estudos de Daniel, Ribeiro, Guadalupe (2011), de Valle e García (1994) e de Zumalde (1994). As redes de idosos ao serem pequenas podem ser menos eficazes em situações de sobrecarga, ou, tem tendência a sobrecarregarem-se (Sluzki, 1996), o que pode eventualmente trazer problemas ou preocupações caso o idoso necessite de um apoio informal mais continuado ou fique dependente do apoio de terceiros. O tamanho da rede social da pessoa idosa deve ser bem escrutinado no diagnóstico social, no sentido de avaliar o nível de isolamento social (ou não), o apoio percebido e os membros que podem apoiar numa eventual necessidade de suporte na sua vida.

O nível de densidade das redes estudadas é bastante elevado. Apenas se verifica nas redes dos idosos com apoio de respostas sociais uma ligeira descida no nível de densidade, ainda assim, é bastante elevado (90 em 100). As redes de densidade elevadas indicam que todos os membros se conhecem (frequentemente), existindo interação entre todos. Segundo Sluzki (1996), os elevados níveis de densidade favorecem a conformidade nos seus membros, podendo pressionar o utente às regras do grupo. As vantagens deste tipo de rede encontram-se no potencial de apoio emocional quase ilimitado e na rápida mobilização de recursos e disponibilidade do outro em caso de necessidade (Guadalupe, 2009), o que se revela positivo para os idosos. Outra curiosidade é o facto que nesta amostra o maior número de casos indicam viver em zonas rurais, o que nos leva a recuperar o que Guay (1984) menciona como a imagem de uma rede coesa, ou seja, a de uma família alargada típica do meio rural, composta por um grande grupo indiferenciado onde toda a gente se conhece. Para além da ruralidade, o avanço na idade pode tornar as redes mais coesas, tendo em conta que a vida vai proporcionando mais condições de interconexão, o que eventualmente pode não acontecer quando existe uma relação mais próxima com serviços de apoio formal na rede, acrescentando novas relações à rede, fora do núcleo mais coeso, ou mesmo novos fragmentos.

Na composição dos três perfis de rede identificaram-se maiores proporções nas relações familiares e de amizade. Como já tínhamos referido nas leituras anteriores, em Portugal existe tendência em as redes sociais serem familistas (Portugal, 2006), o que se pôde averiguar neste estudo. No entanto, verificamos algumas diferenças nos perfis estudados. Foi possível concluir que os idosos institucionalizados revelam maior proporção das relações de amizade quando comparado com outros perfis. Já na proporção das relações com a vizinhança, os idosos institucionalizados demonstram ser menos afetivos, quando confrontados com as outras redes estudadas. O que se pode justificar devido à institucionalização que retira a interação quotidiana com os vizinhos, assim como ao afastamento geográfico frequentemente verificado aquando da integração num Lar. Quanto à proporção das relações com técnicos, os idosos sem apoio de respostas sociais não têm qualquer ligação, contrariamente aos restantes grupos. Importa ressaltar que quando a proporção total dos membros da rede se encontra muito localizada num determinado campo relacional, indicam que são menos flexíveis e efetivas, gerando menos opções que as redes de distribuição mais ampla (Sluzki, 1996) e com campos relacionais mais diversificados.

Nas características funcionais também são notórias as muitas semelhanças nas três redes estudadas. No entanto, os idosos sem apoio de respostas sociais apresentam uma melhor perceção do suporte social na rede, apresentando níveis ligeiramente mais elevados, do que as outras duas subamostras, em todas as variáveis funcionais analisadas.

Primeiramente, constatámos que os idosos da presente amostra revelam estar muito satisfeitos com apoio emocional, ou seja, existem intercâmbios de uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio (Sluzki, 1996).

O suporte material e instrumental percebido nas redes são muito idênticos entre os três perfis. Este apoio é caracterizado por ações materiais proporcionados por outras pessoas, no sentido de resolver problemas práticos ou facilitar a realização de tarefas quotidianas (Barrón, 1996). Os serviços mais frequentemente prestados pelos familiares são os seguintes: o transporte, a verificação do bem-estar do idoso, os serviços domésticos, a assistência administrativa e legal, a preparação de refeições, a coordenação, as compras, a supervisão contínua, a enfermagem e a ajuda financeira geral (Silverstone, 1985 cit in Paúl 1997). Os amigos são também uma importante fonte de apoio, implicando múltiplos aspetos que vão desde a partilha de intimidades, o apoio emocional, as oportunidades de socialização, até ao apoio instrumental. Todos os perfis analisados revelaram perceber algum apoio/ajuda por parte dos membros da sua rede social. Tal apoio é tanto mais importante quanto mais dificuldades quotidianas o idoso apresenta, sendo um tipo de apoio muitas vezes proporcionado pelas respostas sociais institucionalizadas, compensando as necessidades de bem-estar aos idosos. Apesar de podermos antecipar que o grupo dos idosos com apoio de respostas sociais e dos institucionalizados tenham garantido suporte instrumental por parte dos serviços sociais, a perceção dos idosos sobre este tipo de apoio não é valorizada, sendo os níveis avaliativos ligeiramente inferiores ao grupo dos idosos sem apoio destes serviços.

Quanto às interações destinadas a partilhar informação pessoal e social, todas os perfis estudados revelaram receber algum apoio, o mesmo se verifica na companhia social percebida. A companhia social pode ser a realização de atividades conjuntas ou simplesmente estarem juntos (Sluzki, 1996). Também não se verificam diferenças em relação ao acesso a novos vínculos fornecidos pelos membros da rede. Os três perfis de rede referem perceber um nível intermédio de apoio desta função, que se caracteriza pela abertura de portas para a conexão de novas redes.

A reciprocidade é um elemento importante no funcionamento salutar de uma rede de apoio (Barrón, 1996). Nesta dimensão identificamos algumas diferenças entre os três perfis. Os idosos sem apoio de respostas sociais revelam dar apoio à maioria dos membros que constituem a rede. Já as outras duas tipologias manifestam oferecer apoio a alguns membros. Podemos especular que o primeiro grupo será mais autónomo do que os outros dois, sendo que uma maior autonomia garante condições para um apoio recíproco nas redes sociais, na mesma medida e nos mesmos níveis, o que diminui quando os sujeitos lidam com algum nível de dependência.

Nos aspetos relacionados com a funcionalidade das redes foi possível perceber que todos os perfis estão muito satisfeitos com a sua rede. Ainda que a variação entre os níveis de satisfação ser apenas de 0,20

pontos, são apontadas diferenças significativas entre os grupos, sendo o grupo dos idosos institucionalizados a perceber um menos nível de satisfação. Hockey (1989 cit in Fuster, 1997) refere que uma residência para idosos é uma instituição culturalmente anómala, que constitui espaços confinados onde a vida e a morte se fundem. Tanto para os cuidadores como os residentes, a morte por muito cuidadosamente que se tente silenciar é uma realidade. A qualidade da vida quotidiana de uma pessoa institucionalizada depende em grande medida das relações sociais que mantém com os residentes e com os profissionais (Gottlieb, 1983, cit in Fuster, 1997). A satisfação que se verificou no apoio percebido na rede de idosos institucionalizados é muito possivelmente, fruto do bom acompanhamento que estes têm na sua vida diária.

Nas características relacionais-contextuais das redes sociais estudadas identificaram-se algumas diferenças entre os perfis. Verificou-se que os idosos sem e com apoio de respostas sociais têm maior frequência de contactos com os membros da sua rede, que os idosos institucionalizados. Os idosos não institucionalizados contactam várias vezes por semana os seus membros, já os institucionalizados contactam uma vez por semana. Na frequência de contactos que os idosos com apoio de respostas sociais têm, verificamos semelhanças com os resultados do estudo realizado por Daniel, Ribeiro, & Guadalupe (2011), onde se verificou que idosos com apoio domiciliário têm uma média de telefonemas recebidos e de visitas/efetuadas de uma ou duas pessoas por semana. Especulando, podemos afirmar que talvez os idosos institucionalizados valorizem sobretudo as visitas (semanais) dos membros da rede social pessoal que se encontram fora do Lar Residencial. Este é um aspeto muito relevante para a intervenção do Serviço Social no contexto institucional, proporcionando condições para a manutenção dos laços existentes, e potenciando o desenvolvimento de laços significativos no contexto institucional.

Sluzki (1996) diz-nos que a frequência de contactos é influenciada pela distância, quanto maior for a distância mais difícil é manter o contacto ativo. Paúl (1997) na mesma linha de pensamento refere que a proximidade geográfica é importante na mobilização dos filhos para ajudar os pais idosos. Os três perfis indicaram que vivem na mesma terra que os membros da rede, o que pode explicar a satisfação verificada. No entanto, especificamente, verificámos que os idosos que não têm apoio de respostas sociais vivem mais perto dos seus membros que as outras tipologias. Onde se revela maior afastamento dos membros da rede é na tipologia de redes de idosos institucionalizados, que provavelmente estarão mais distantes (e deslocados) face ao seu contexto de vida originário e dos membros da sua rede social, que parece ser sobretudo exterior à instituição.

Na durabilidade ou na história da relação identificamos diferenças entre os perfis traçados. Os idosos que não se encontram institucionalizados apresentam maior média na durabilidade das relações. O facto de o grupo de idosos institucionalizados revelarem uma durabilidade média mais baixa, pode ser eventualmente resultante da institucionalização e da consequente modificação da rede.

Além destas características das redes apuramos diferenças significativas no perfil sociodemográfico, nomeadamente em relação ao estado civil e faixa etária. Verificou-se que os idosos sem apoios de respostas sociais na maioria são casado(as) ou vivem em união de facto. Já os outros perfis revelaram na sua maioria serem idosos viúvos(as). Podendo este ser um fator que revela a maior necessidade de apoio, pois sabemos que o cônjuge é uma pessoa central no apoio social perante os acasos da vida. A viuvez é muitas vezes associada a sentimentos de solidão, precisamente pela perda de uma relação íntima muito particular (Paúl, 1997). Norris e Murrell (1990, cit in Paúl, 1997) ao estudarem idosos que perderam recentemente um esposo, verificaram que na amostra de viúvos a saúde permaneceu estável, mas a depressão aumentou em flecha, e permanece elevada. Outra importante variável que também pode ser resultante da maior ou menor necessidade de apoio é a idade. Os idosos sem respostas sociais são mais novos do que os que têm apoio ou estão institucionalizados. Os idosos sem apoio de respostas sociais pertencem maioritariamente à faixa etária com 75 anos ou menos. Os idosos com apoio de respostas sociais encontram-se entre os 76-85 anos e os idosos institucionalizados são os mais velhos, pertencendo sobretudo ao grupo etário dos com 86 ou mais anos de idade.

Partindo destes resultados, gostaríamos de concluir com uma breve reflexão.

As dificuldades de intervenção dos Assistentes Sociais têm vindo a crescer na área da terceira idade. A crise instaurada na Europa e os diversos fatores socioeconómicos vêm constantemente dificultando a sua área de ação (expressando-se, por exemplo, na necessidade de respostas emergenciais, rápidas, podendo estas serem pouco eficazes, etc.). Apesar de vários fatores que se revelam prejudiciais para a concretização dos valores e princípios do Serviço Social na intervenção profissional, entendemos que a análise sustentada na sistémica possibilita uma nova abordagem da intervenção, tendo esta um enorme potencial. As restrições na proteção social do Estado, verificadas contemporaneamente são muito preocupantes para o bem-estar dos idosos, sobretudo numa sociedade cada vez mais envelhecida. Sabendo também das dificuldades que a idade traz consigo, ou seja, limitações sociais, psicológicas e biológicas, entendemos que esta é uma área que precisa de redobrada atenção por parte do Serviço Social. Esta conjuntura obriga-nos a necessários esforços no sentido de aprofundar conhecimentos sobre idosos, sobre respostas sociais, existentes e emergentes, assim como uma maior sustentação da avaliação da provisão informal, sobretudo face à possível incapacidade de resposta da provisão formal.

Ao analisar uma amostra da população idosa de Portugal, através da ótica sistémica, explorámos três perfis de rede, tendo analisado o suporte social percebido por estas pessoas. Neste estudo pretendemos dar um contributo para sustentar tipologias de diagnóstico social frequentemente utilizadas sem referencial empírico sistematizado. Reportamo-nos, a título de exemplo, aos recentes Planos de Desenvolvimento Individual implementados nas respostas sociais para idosos, que geralmente incluem um campo de avaliação das redes de suporte social. Desta forma procuramos através da investigação,

conhecimento tendo no horizonte uma perspectiva da intervenção social. Acreditamos que o conhecimento das potencialidades do capital social e dos laços sociais constituem um dado de grande relevância para a ação dos profissionais. Mas essa avaliação e tipificação tem de ser sustentada criticamente em descritores baseados na investigação. Ora, apesar dos dados trabalhados e dos resultados apresentarem alguns limites, nomeadamente o número desigual de sujeitos por categoria e diminuto nalgumas categorias e perfis, assim como pelo facto da amostra não ser constituída com base nas quotas analisadas, a exploração destes perfis permitiu a compreensão de alguns aspetos relevantes a considerar na avaliação e na intervenção social para potenciar o suporte social das redes sociais dos idosos em diferentes contextos de vida.

Apesar de consideramos que é necessária uma investigação mais aprofundada e com amostras mais amplas e representativas de algumas características desta população, para consolidar tipologias de rede social pessoal de idosos a integrar no diagnóstico social, consideramos que este estudo abre possibilidades analíticas e de discussão que devem interpelar quem trabalha quotidianamente com esta população, quer no contexto comunitário, quer no contexto institucional. Neste sentido, consideramos que se constitui, assim, como um contributo para refletir sobre as categorias usadas e em definição no diagnóstico social que se reportam às redes sociais pessoais e de suporte social desta população.

Concluimos, destacando a importância de um investimento continuado e sustentado da investigação em Serviço Social numa relação íntima com a intervenção profissional no sentido de favorecer o bem-estar das populações com as quais mais proximamente trabalhamos, sendo fulcral a avaliação e o desenvolvimento salutar das relações interpessoais e do suporte social informal.

Bibliografia

- Arias, J. C. (2009). *La Red de Apoyo Social en La Vejez. Aportes para su Evaluación*. Acedido em 09, de Dezembro de 2013, em <http://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/20>
- Baptista, M. V. (2001). *A Investigação em Serviço Social*. Lisboa. CPIHTS
- Barrón, A. (1996). *Apoyo Social. Aspectos teóricos y aplicaciones*. Madrid. Calle Plaza.
- Berkman, L.F., Syme, S.L. (1979). Social Networks, Host Ressitance, anda Mortality: A Nine year follow up study of Alameda County Residents. *American Journal of Epidemiology*, 109 (2), (pp.186-203). Acedido em 26, de dezembro de 2013, em <http://aje.oxfordjournals.org/content/109/2/186.short>
- Bruto da Costa, A. (2001). *Exclusões Sociais*. Lisboa. Fundação Mário Soares Gradiva Publicações, Lda.
- Campanini, A., Luppi, F. (1988). *Servizio sociale e modello sistemico. Una nuova prospettiva per la pratica quotidiana*. Roma. La Nuova Italia Scientifica.
- Cancela, D. (2007). *O Processo de Envelhecimento*. Acedido em 05, de Dezembro de 2013, em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>.
- Carvalho, M. (2005). *Uma abordagem do Serviço Social à Política de Cuidados na Velhice em Portugal*. Acedido em 29, de Dezembro de 2013, em <http://www.cpihts.com/PDF02/Uma%20Abordagem%20do%20Servi%C3%A7o%20Social%20%C3%A0%20Pol%C3%ADtica%20de%20Cuidados%20na%20Velhice%20em%20Portugal%20-%20Maria%20Irene%20Lopes%20de%20Carvalho.pdf>
- Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (2012). *O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade*. Lisboa. FCHCP
- Chadi, M. (2007). *Redes sociales en el trabajo social*. Buenos Aires. Espacio Editorial.
- Daniel, F. (2009). Profissionalização e Qualificação da Resposta Social “Lar de Idosos” em Portugal. *Interações*, 17, (pp.65-74). Acedido em 29, de Dezembro de 2013, em <https://ismt.academia.edu/FernandaDaniel>
- Daniel, F., Ribeiro, A.M., & Guadalupe, S. (2011). Recursos sociais na velhice: um estudo sobre as redes sociais de idosos beneficiários de apoio domiciliário. In A.D. Carvalho (coord.), *Solidão e solidariedade: entre os laços e as fracturas sociais* (pp.73-85). Porto: Edições Afrontamento.
- Faleiros, V. P. (1997). *Estratégias em Serviço Social*. São Paulo. Cortez Editora LTDA.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa, CLIMEPSI Editores.
- Fundação Francisco Manuel dos Santos (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal*. Lisboa, FFMS.
- Fuster, E. G. (1997). *El apoyo social en la intervención comunitária*. Barcelona. Ediciones Paidós Ibérica, S.A.
- Garro, J. J. (2007). *Modelos y métodos de intervención en Trabajo Social*. Madrid. Alianza Editorial, S.A.
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em Rede. Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guay, J. (1984). *L'intervenent professionnel face à láide naturelle*. Chicoutimi. Gaëtan Morin Éditeur.

- Guzmán, M. J., Huenchuan, S., Oca, V. M. (2002). *Redes de Apoyo Social de las Personas Mayores: Marco Conceptual*. Acedido em 09, de Dezembro de 2013, em http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/0/14200/lclg2213_p2.pdf
- Hespanha, P., Damas, A., Ferreira, A. C., Nunes, M. H., Hespanha, M. J., Madeira, R., Hoven, R. V. D., Portugal, S. (2001). Globalização insidiosa e excludente. Da incapacidade de organizar respostas à escala local. *Risco Social e Incerteza: Pode o Estado Social recuar mais? 1*, pp.25-54 Porto. Edições Afrontamento.
- Idáñez, M. J. A., Ander-Egg E. (1999) *Diagnóstico Social*. Madrid. ICSA.
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2009). *Projeções de população residente em Portugal 2008 – 2060*. Acedido em 14, de Janeiro de 2014, em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=65944632&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt
- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (2012). *Censos 2011. Resultados Definitivos – Portugal*. Acedido em 05, de Dezembro de 2013, em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554.
- International Federation of Social Workers (2012). *Definition of Social Work*. Acedido em 14, de Janeiro de 2014, em <http://ifsw.org/policies/definition-of-social-work/>.
- Marry Larner (1990). Changes in network resources and relationships over time. Em Cochran, M., Larner, M., Gunnarsson, L., Henderson, C. (1990). *Extending Families: The Social Networks of Parents and their Children* (pp. 181-205). New York. Cambridge University Press.
- Berkman, L. F., Syme S. L. (1979). Social Networks, host resistance, and mortality: a nine-year follow-up study of Alameda County Resident. Em *American Journal of Epidemiology*, 109 (pp.186-202).
- Martínez, M. J. (2005) *Modelos Teóricos del Trabajo Social*. Murcia. Librero-Editor.
- Marques, P. Z. (2006). *Homens Idosos e as suas Redes Sociais*. Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Meléndez-Moral, J. C., Tomás-Miguel, J. M., Navarro-Pardo, E. (2007). *Análisis de las redes sociales en la vejez a través de la entrevista Manheim*. Acedido em 09, de Dezembro de 2013, em <http://www.scielo.org.mx/pdf/spm/v49n6/a07v49n6.pdf>
- Moura, Élita R., Martins, L. A., Nogueira, E. J. (2009). *Estudo da Rede de Relações Sociais e Apoio Emocional em Idosos*. Acedido em 09, de Dezembro de 2013, em <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=3586&numeroEdicao=16>
- Navarro, S. (2004). *Redes sociales y construcción comunitária*. Madrid. Editorial CCS.
- Nowak, J. (2001). *O Trabalho Social de Rede. A aplicação das Redes Sociais no Trabalho Social*. Em 100 Anos de Serviço Social (150 – 183). Coimbra: Quarteto Editora
- Paúl, M. C. (1997). *Lá para o Fim da Vida*. Coimbra. Almedina.
- Payne, M. (2002). *Teria do Trabalho Social Moderno*. Coimbra. Quarteto

- Pego, M. (2013), *Cuidadores Informais: Os Idosos em Situação de Dependência em Portugal*. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa. Acedido em 14, de Janeiro de 2014, em <http://run.unl.pt/bitstream/10362/10752/1/RUN%20-%20Tese%20de%20Mestrado%20-%20Maria%20Ana%20Pego.pdf>
- Pereira, A. (2011). *Guia prático de utilização do SPSS. Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.
- Portugal, S. (2006). *Novas Famílias, Modos Antigos. As redes sociais na produção de bem-estar*. Coimbra. FEUC.
- Portugal, S. (2007). Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Acedido em 09, de Dezembro de 2013, em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/271.pdf>.
- Portugal, S. (2011). Dádiva, Família e Redes Sociais. Em *Cidadania Políticas Públicas e Redes Sociais*. Coimbra. Acedido em 26, de Dezembro de 2013, em http://www.ces.uc.pt/cesfct/sp/SP_Cidadania_politicas_publicas_e_redes_sociais.pdf#page=39
- Puga, D., Rosero-Bixby, L., Glaser, K., Castro, T. (2007). *Red social y salud del adulto mayor en perspectiva comparada: Costa Rica, España e Inglaterra*. Acedido em 17, Janeiro, de 2014, em <http://ccp.ucr.ac.cr/revista/volumenes/5/5-1/5-1-1/>
- Ribeiro, J. L. (2010) *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto. Legis Editora
- Richmond, M. E. (1950). *Diagnóstico Social*. Lisboa: Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge. Edição original, 1917.
- Seed, P. (1990). *Introducing Network Analysis in Social Work*. London. Jessica Kingsley Publishers.
- Sluzki, C. E. (1996). *La Red Social: Frontera de la Practica Sistemica*. Barcelona. Editorial Gedisa, S.A.
- Sequeira, A., Silva, M. N. (2002) O bem-estar da pessoa idosa em meio rural. Em *Análise Psicológica*, 3,(pp.505-516) . Acedido em 29, de Dezembro de 2013, em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v20n3/v20n3a23.pdf>
- Valle, J. F., García, A. G. (1994). Redes de Apoyo Social en usuarios del servicio de ayuda a domicilio de la tercera edad. Em *Psicothema*. 6, (pp.39-47). Acedido em 17, Janeiro, de 2014, em <http://www.psycothema.com/pdf/901.pdf>
- Zumalde, E. C. (1994). Apoyo social y ancianos en residencias. Em *Zerbitzuan*. 25, (pp.71-76). Acedido em 17, Janeiro, de 2014, em <http://www.zerbitzuan.net/documentos/zerbitzuan/Apoyo%20social%20y%20ancianos%20en%20residencias.pdf>

Anexo I